

Lobo d'Avila-feijó

ZUMBIDOS

CHRONICA MENSAL

Sala	10
Gab.	13
Est.	13
Tab.	7
Nº	7



LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

Sala
Gab.
Est.
Tab.
Nº

10

280.

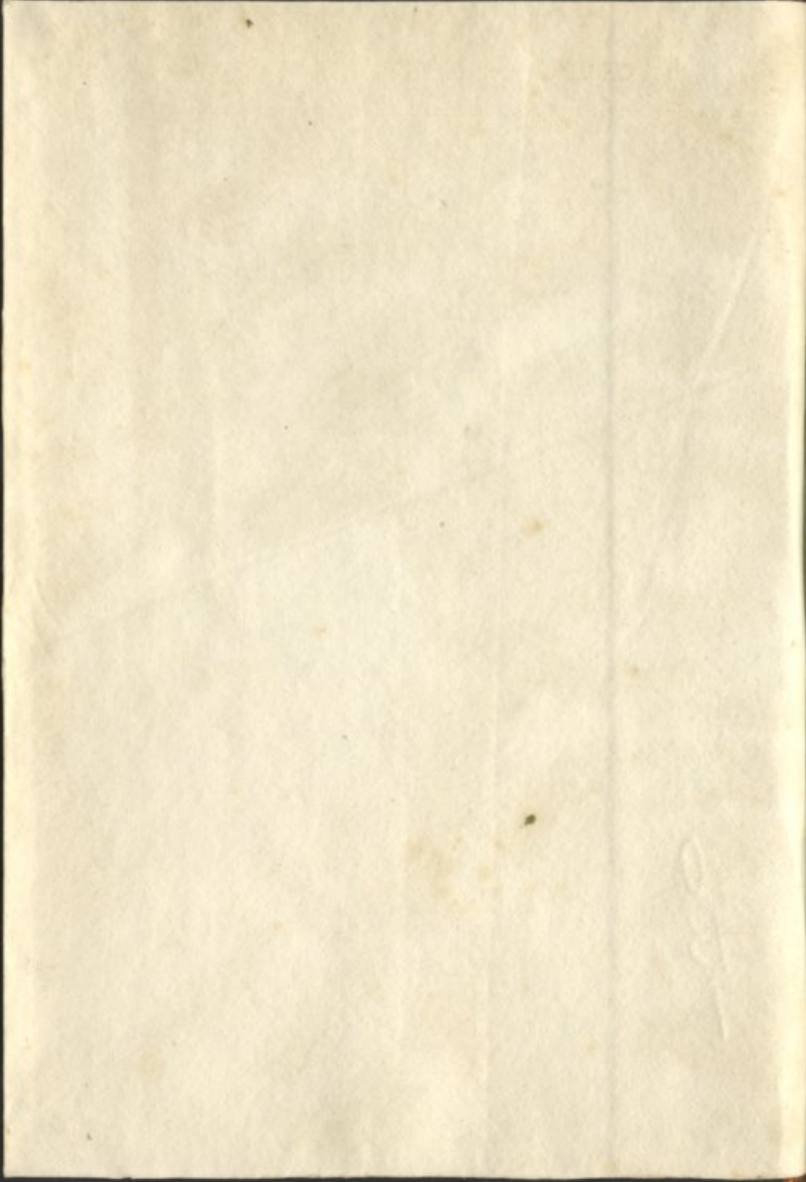
13

1

10

13

1



EGO — ALTER

N.º 1

CHRONICA MENSAL

ZUMBIDOS

Março de 1880.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

FOOD ALIEN

BRUNNEN

2001081002

Mareo de 1940

BRUNNEN

Obra de vida - eijo

EGO - ALTER

ZUMBIDOS

CHRONICA MENSAL

N.º 1

Março de 1880



7339 - C

COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1880

800 - 4178

ZUMBRIDOS

CRONICA MENSUAL

1911

Marzo de 1911

IMPRESION

COLUMBIA

IMPRESION Y LITOGRAFIA

1911

SUMMARIO

Ao leitor. O que nós pedimos. Nós e as instituições. A civilidade de João Felix e os partidos políticos. O nosso estylo e do jornalismo diario. Eça de Queiroz, Falcão Rodrigues e o Terrail nacional. A nossa philosophia e a nossa esthetica. Um *shake hands* ao publico. — **O espirito publico.** O que elle é entre nós. Opiniões do *Diario Popular* e da *Revolução de Setembro*. A verdade dos factos e a solidez d'esses pareceres. O nosso destino. As conquistas e a guarda municipal; as navegações e os escaleres a vapor; a industria e os pasteis de Santa Clara; a sciencia e a junta consultiva d'instrucção publica; a agricultura e a palha de bunho. — **Um partido por affinidade.** Descobre-se este facto debaixo d'um *solideo*. O que se faz na Turquia. Inconfidencias d'um sogro. De como tudo isto se relaciona com os impostos. — **O discurso do sr. Antonio Candido.** A tribuna passa a segundas nupcias. O padre Candido e José Estevam, Victor Hugo e Theophilo Gauthier. Um positivista e um salteador, o sr. José Luciano e Fra-Diavolo. Quadro triste. — **D. Barros de Constantinopla.** Elle, o contribuinte e o

escudeiro dô fidalgo mancheço. — **A Hydra Junior.** Sua historia e aventuras. Apresenta-se a *Ordem*. As suas occupações, o seu caracter e os seus habitos. Um positivista no ensino official. Allocução aos senhores ecclesiasticos em geral e aos da *Ordem* em particular. Das nossas relações possiveis com suas reverendissimas. Propagação da fé catholica. Disciplina social, moral e religiosa. Conclusão: o freio mystico. — **Um novo candidato governamental.** Discurso provavel de s. ex.^a, se fôr eleito. — **Dois flascos n'uma semana.** A vingança da sr.^a Christophani. O sr. Saragga e o sr. José Luciano. — **O centenario de Camões** e a commissão de festejos do Porto. Reprehensões e conselhos. — **Rei chegou!** O sr. D. Miguel II e as esperanças do partido absolutista. Sedvem e Mourisca, Alvito Buella e Frei José da Pureza. — D. Miguel morreu! viva D. Sebastião!

Nós, querido leitor, nem fazemos programma nem te pedimos benevolencia. Apresentando-nos deante de ti só te supplicamos uma cousa — que nos leias.

Nós somos dois sujeitos obscuros, cujos nomes tu não tens visto nos jornaes, cujos peitos preferem ás veneras rutilantes as violetas perfumadas, mas enfim, que sentimos um prurido de mostrar ao paiz que se pôde ser sensato sem se ser commendador.

Em face das nossas instituições nós não nos armamos do camartello demolidor, não nos atiramos á Carta como S. Thiago aos mouros, segundo a velha phrase da cavallaria lusitana, não atacamos rudemente os primeiros magistrados nem os grandes homens da nossa patria. Oh ! não.

Que as instituições se tranquillisem, que a Carta resone pacificamente, que a magistratura tome com socego o seu rapé, que os grandes homens contemplem com desvanecimento placido a sua justa celebridade. Nós, em volta d'esse grupo pacato das instituições e dos homens do nosso paiz, vamos simplesmente levar os *zumbidos* d'umas pequenas ironias aladas, inoffensivas, sinceras, e d'algumas modestas verdades, que poderão ser impertinentes, como um *zumbido* importuno, mas que nunca serão malevolats.



Nós queremos comtudo declarar-te, amigo leitor, que nunca lemos a *Civilidade* de João Felix, nem militámos em nenhum partido politico, isto é, que temos educação e independencia.

A nossa linguagem não será talvez primorosa, finamente cinzelada, artistica, brilhante, mas protestamos desde já não adoptar tão pouco o *calão* da nossa imprensa diaria, e ter a seriedade e a dignidade indispensaveis para banirmos d'estas paginas os plebeismos obscenos, que são a fina flor rhetorica do nosso jornalismo.

As nossas idéias não serão novas, mas serão sãs e independentes. Nem terão o carimbo d'um chefe de partido, nem a marca d'um despeito pessoal. Não andarão acorrentadas ao servilismo do partidario inçonsciente, nem as hão opprimir e determinar as suggestões deleterias de invejas mesquinhas ou de vaidades pueris.

Os nossos *Zumbidos* tanto hão de importunar os ouvidos conservadores do sr. Fontes, como o tympano constituinte do sr. Dias Ferreira. O sr. Braamecamp é quem está de melhor partido porque nos ha de ouvir menos. A culpa, porém, não ha de ser nossa, que nós, repetimos, não o havemos de distinguir dos demais. Quem o ha de salvar é o seu apparelho auditivo. Para alguma cousa ha de servir o ser surdo.

O nosso criterio é todo moderno, todo opposto ao character metaphysico das ficções que nos regem. *Zumbiremos* em torno d'ellas! Que as instituições nos perdoem — mas o *zumbido* é livre.

Nós não somos uns puritanos, somos simplesmente honestos. Não nos declaramos uns Catões, mas ousamos affirmar que não temos horror ao banho, e que achamos até altamente hygienico tomar um, bem frio, bem tonifi-

cante todas as manhãs. Não vimos apresentar-nos como uns homens tão virtuosos que queiramos os nossos nomes inscriptos no kalendario dos santos impeccaveis, mas protestamos não os deixar celebres nem na lista dos influentes eleitoraes do sr. Fontes, nem no rol dos galopins do sr. José Dias, nem no registo dos cabos de policia do sr. José Luciano.

Em arte, sinceramente preferimos Eça de Queiroz não só ao sr. Falcão Rodrigues, a ultima expressão do romantismo na novella portugueza, mas até ao sr. Leite Bastos, o Terrail nacional. Isto não implica uma completa adherencia a todos os desvarios do neo-realismo, o que significa é um protesto contra o estertor idiota do romantismo moribundo.

As nossas convicções philosophicas levam-nos a estas conclusões estheticas. A exploração lamurienta e perniciosa dos falsos aspectos da vida e dos deleterios devaneios de phantasias allucinadas, queremos-a nós substituida pela observação severa e pela analyse rigorosa dos complexos phenomenos da actividade biologica e social.

E assentes estas explicações, e trocado um cordeal *shake-hands* com esse grande

amigo colectivo, que é a suprema consolação do escriptor — o publico, comecemos a nossa tarefa. Que elle nos proteja, e sobre tudo, repetimos, — que elle nos leia.

Temos notado que, depois das ultimas eleições da assembleia legislativa, os jornaes politicos, nas suas discussões de indiscutivel importancia, fazem de vez em quando passageiras referencias á definição do espirito publico do paiz. E' facto que os srs. articulistas tocam de leve n'este assumpto, como cousa em que é decoroso fallar-se, mas que é talvez perigoso discutir-se. Nós, que não temos os receios de s. ex.^{as}, nós, que não pretendemos um circulo eleitoral, nem á commenda de Christo, nós, que não somos de nenhuma secretaria d'Estado, nem de nenhuma confraria politica, nós livremente, independentemente, sem medo de nos compromettermos, vamos tractar por miudo esta questão, sejam quaes forem as conclusões a que nos levem os nossos raciocinios.

Partamos d'uma ideia perfeita : saiba-se o que entendemos por *espirito publico*. O espirito publico d'um paiz é para nós a ideia predominante entre a maioria da população sobre a politica, a sciencia, a philosophia, a litteratura, a industria, etc., manifestada pelos actos externos correspondentes — o suffragio popular, a instrucção, a moralidade, as leituras favoritas, o genero de trabalho, etc.

Na França, por exemplo, o suffragio popular e os ultimos acontecimentos politicos provam que, sob este ponto de vista, o espirito publico francez é republicano ; as inumeras edições dos livros de Zola e Daudet provam que o espirito publico francez se accentua litterariamente no realismo ; o acolhimento da Revista de Philosophia Positiva e a venda sempre crescente dos trabalhos philosophicos de Littré, Robin, Wyrouboff, Herbert Spencer, Mill, provam que o espirito publico francez tende philosophicamente para o positivismo : e assim nos differentes ramos da actividade social.

Sob um ponto de vista mais largo, internacional, vê-se cada nação trabalhando na attinencia d'um fim mais especifico, por onde se lhe póde determinar a sua individualidade,

o seu espirito publico: — a França como iniciadora das renovações politicas, a Inglaterra como um orgão commercial, os Estados Unidos e a Belgica nas explorações industriaes, a Allemanha na direcção scientifica, a Russia na força militar, etc.

Qual é pois tambem o nosso fim? Para onde vamos? Para onde caminhamos? O que queremos? O que pensa e sente a nossa collectividade politica? Qual é o nosso espirito publico?

Se quizermos dar credito ao *Diario Popular*, o nosso espirito publico é progressista: se ao contrario tem para nós mais valor a palavra da *Revolução de Setembro*, o espirito publico é regenerador. E' verdade que o *Diario Popular* baseia-se no facto da ultima eleição de deputados, de que resultou para o governo uma espantosa maioria. Mas tambem é verdade, por outro lado, que ha annos atraz a *Revolução* se baseava igualmente em prova identica e no entanto o *Popular* affirmava tambem do mesmo moço que o espirito publico de então era progressista.

N' esta incerteza, e não querendo melindrar nem o *Diario Popular* nem a *Revolução de Setembro*, declaramo-nos resolvidos a não dar credito nem a uma nem a outro, e a procurar-

mos pelo nosso proprio esforço a solução d'este problema, que tanto nos tem preocupado.

Primeiro que tudo—é necessario que o confessemos—ser-se regenerador ou ser-se progressista não é tão fundamental que, por esta circumstancia tão pouco explicita, se possa determinar o nosso espirito ^{publico.} Nós encaramos a questão mais alto. Não nos prendemos com as subdivisões: dão-nos maior cuidado os ~~outros~~ pontos de vista mais geraes.

Nós desejavamos antes saber qual o caracter que apresentam as nossas tendencias religiosas, por exemplo: se ellas pendem para o catholicismo, ou para o protestantismo, ou para o pantheismo, ou para o atheismo; qual o caracter que manifestam as nossas crenças philosophicas: se somos theologos, methaphisicos ou positivistas; qual o caracter das nossas convicções politicas: se é a theocracia, ou o direito divino, ou o absolutismo, ou a monarchia representativa, ou a republica, ou o federalismo, ou o communismo, a fórma mais acceite pela opinião do suffragio; nós desejavamos saber se o espirito publico se inclina á liberdade de commercio, ou ao regimen prohibitivo das

pautas, se elle prefere o imposto directo ou o imposto indirecto; desejavamos conhecer qual o genero de trabalho mais em conformidade com o nosso temperamento social, se o commercio, se a industria — e n'este ramo qual a nossa especialidade, se as industrias de exploração simples, como a pesca, a agricultura e a mineração, se as industrias mais complexas de transformação e elaboração como as das grandes fabricas e manufacturas; desejavamos ainda saber se estheticamente o nosso espirito nacional tende para a litteratura, ou para a musica, ou para a pintura, ou para a esculptura, ou para a architectura.

Depois de obtidos todos estes dados indispensaveis, todos estes dados d'uma eloquencia superior á dos artigos dos srs. Marianno de Carvalho e Rodrigues Sampaio, nós então estaremos aptos para definirmos com precisão mathematica qual o espirito publico da nação portugueza. Mas sem isto, meus senhores, é escusado declamarmos: nem nós obscuramente, nem v. ex.^{as} com o brilhantismo dos seus nomes serão capazes de fazer fallar a sphinge; porque estamos perfeitamente convencidos de que o nosso espirito publico é a propria e genuina sphinge.

Vê-se por isto que quando o *Diario Popu-*

lar nos diz que a opinião publica é progressista e a *Revolução de Setembro* nos affirma que ella é regeneradora, nenhum d'estes jornaes nos dá a menor ideia sobre o que a maioria da nação portugueza pensa, e portanto quer, acêrca de religião, de politica, de philosophia, de sciencia, de economia, de industria e de arte. E d'aqui vae pouco á conclusão da completa inanidade das asseverações feitas pelos srs. articulistas d'aquelles dois orgãos da politica militante, sobre um assumpto de tamanha importancia e de tão fundo alcance social.

Façamos de conta que s. ex.^{as} os srs. articulistas, a quem logo fallaremos mais de de vagar, não disseram nada, mesmo nada a tal respeito.

Resolvamos nós a questão modestamente, com o simples auxilio das fracas luzes do nosso intellecto.

* *

Toda a observação que façamos no nosso meio nacional com o fim de lhe determinarmos o seu espirito, seja qual fôr o ponto de

vista em que nos colloquemos, leva-nos fatalmente a esta desanimadora conclusão ; — nós não temos opinião publica e portanto não temos destino na nossa existencia.

Não temos opinião publica ! não temos destino ! tal é a dura verdade que encontra todo o espirito desempoeirado de preconceitos, quando se demora na analyse de todas as manifestações de vida do nosso organismo social, doente e seriamente compromettido.

Não temos opinião publica ! Porque ? Porque não temos ideias, porque não temos energias, porque não temos sentimentos ! Em quanto todas as nações europeias caminham, avançam, progridem, em quanto todos os povos se retemperam nos trabalhos da civilização, nós, favorecidos pelo clima, favorecidos pela fertilidade do solo, favorecidos pela nossa posição geographica que nos faz um paiz maritimo, favorecidos pelas tradições d'uma hegemonia, que produziu uma mudança completa nos destinos sociaes, antecipando de seculos a civilização da actualidade, e que marcou na historia uma epocha de nobres trabalhos e de victoriosas conquistas, nós estacionamos cobardemente, fracamente, no caminho que o nosso dever social nos obrigava a percorrer, e olhamos de braços cruza-

dos, mandriões, preguiçosos como os *lazzaroni* de Napoles, para o que vae por esse mundo sem que nem por vergonha sintamos as incitações do trabalho, e nem por dignidade comprehendamos a impreterivel obrigação de não estorvar os outros.

Ha muito tempo que a nossa opinião publica é unicamente aquillo que tres aventureiros felizes desejam que ella seja. A opinião publica segue sem vergonha, sem pudor, sem as briosas revoltas da honra, o primeiro governo que lhe apparece, como as *cocottes* do *boulevard* seguem o primeiro vadio que lhes paga uma ceia.

O corpo eleitoral, que votou hoje com o sr. Fontes, vota amanhã com o sr. Braamcamp, e votará depois de amanhã com o sr. Dias Ferreira! E o corpo eleitoral, dizem-no estes cavalheiros, tem opinião! Rigida opinião, na verdade, immaculada consciencia a do sr. corpo eleitoral, que se assalaria a quem lhe dá mais como os carregões aqui da esquina da nossa rua.

E esta falta de opinião, que se encontra na politica, encontramol-a tambem em todos os outros ramos da nossa actividade, só com uma pequena differença: — é que na politica ha quem mercanceie e então há a opinião

vende-se. Na litteratura, na arte, na industria, na philosophia, na sciencia, como não ha quem a pague, a opinião nem se manifesta. Faz que não sabe d'essas cousas.

E aqui está porque se passam dois annos e mais, sem que em Portugal se produzam obras d'arte, em que valha a pena fallar-se. Aqui está porque Eça de Queiroz nos tem dado apenas dois romances, Guerra Junqueiro um unico poema, porque Ramalho Ortigão interrompe as *Farpas*, porque Theophilo Braga abandonou ultimamente no seu quasi furor de trabalhar ; aqui está porque Soares dos Reis não tem um *atelier* como os dos grandes mestres francezes, David, Carpeaux, Caïn e outros : aqui está porque Arthur Loureiro se viu quasi preterido no concurso á pensão para o estudo no estrangeiro, com a perspectiva do seu futuro cortado, e do seu talento perdido na esterilidade do nosso meio. Tudo isto provém de nós não termos opinião publica ou antes de ella ser progressista e regeneradora — *tour á tour*.

Ora a causa ultima, constitucional, d'este deploravel estado é a nossa falta de instrucção. Nós não temos ponto de vista largo, grande, amplo, porque não possuímos ideias. Como havemos de incitar ao trabalho os nos-

soz pensadores e os nossos artistas se não temos a menor noção do que seja a philosophia, a sciencia ou a arte?

E' que, no fim de contas, o determinismo venceu a liberdade. O fôro da consciencia, as ideias innatas, os principios absolutos do espirito, toda essa quinquilha da velha metaphysica, que sancionava a ignorancia, o paradoxo, o modo de ver especial, a phantasia indisciplinada substituindo a precisão invariavel da logica, nunca passou d'uma especulação gratuita, que não pôde, em tempo algum, explicar-nos o intrincado mecanismo da vontade humana na realização dos mais simples factos individuaes, e dos mais complexos acontecimentos historicos. As descobertas da psycho-physiologia, realizadas depois da grande reforma de Gall e Gaspard Spurzheim, mostraram a impreterivel necessidade do perfeito conhecimento das funcções do cerebro-spinal, para a explicação nitida e precisa de todo o desenvolvimento evolutivo da vida da humanidade. A determinação, isto é, a antecedencia d'uma causa a um effeito, não é um facto restricto a uma ordem particular de phenomenos : onde ha a phenomenalidade ahi apparece a determinação.

Hoje portanto que os phenomenos sociaes são estudados com todos os processos da methodologia positiva e scientifica, hoje que na sua investigação a inducção precede a deducção, e o raciocinio caminha em seguida a experiencia, hoje o determinismo é um facto indiscutivel no campo da sociologia.

Assim uma das leis sociologicas mais importantes, que por este processo scientifico se tem obtido nos estudos historicos, é a lei da precedencia d'um estado mental a todo o estado social. A historia da humanidade é um thesouro inexaurivel de provas para esta lei. Todos os grandes factos sociaes são antecedidos d'uma elaboração espirital, que se alarga e estende do cerebro dos pensadores ao cerebro das massas. Depois a ideia reagindo nas consciencia individuaes produz uma determinação volitiva na consciencia da collectividade, determinação que realisa o phenomeno pela metamorphose dinamica da ideia em facto. É assim é que o espirito publico produziu todas as conquistas da liberdade, como, por exemplo, o protestantismo na liberdade de consciencia e de pensamento, e as communas e a revolução franceza na liberdade politica e na liberdade do trabalho.

Applicando esta lei geral ao nosso caso particular é claro que nós não avançamos porque nos falta o estímulo da mentalidade collectiva desenvolvida. Ora faltar-nos o estímulo da mentalidade collectiva desenvolvida, ou faltar-nos o espirito publico é uma e : mesma cousa. Ter opiniões sem ter ideia, ter espirito sem ter pensamento, só se obtm por milagre : se desejamos isto ardentemente então recorramos a Deus Nosso Senhor para que o seu divino poder edicte de novo o dogma da Immaculada Conceição : depois de Maria Santissima conceber virginalmente um filho, vae a nação portugueza conceber virginalmente, sem a fecundação da ideia, uma opinião para o seu publico. Oh patria ! é o que tens a fazer : sê honesta ! continua na virgindade da ignorancia ! não cáias em peccado com o pensamento !

Em resumo pois, é indiscutivel que a nação portugueza não tem uma opinião publica de vistas largas, de ideia determinada e convicta. Ella não tem religião definida na crença, não tem philosophia definida, não tem tendencia artistica definida, não tem industria definida, não tem politica definida, não tem nada de definido — á excepção da ignorancia e da indifferença.

Mas o peor é que se pelo nosso atrazo intellectivo não temos uma opinião firmada nas grandes convicções da philosophia e da sciencia, também pela corrupção da nossa moralidade, nós não temos, independente energica, inabalavel, ainda que inconsciente, uma qualquer opinião partidaria. Não, nem ao menos temos o fanatismo cego d'uma palavra, a persistencia façanhuda, mas honrada, d'um qualquer sentimento politico, a adhesão pírronica da teima a um homem ou a um partido, que nos torne capazes d'um sacrificio, d'uma lucta, d'uma revolução, d'um martyrio emfim ! Com o nosso estacionamento intellectual veio-nos também a relaxação dos sentimentos e dos brios, e hoje a consciencia publica vende-se vergonhosamente, e sorri com um desdem safado e malandro quando a indignação d'algum character honesto, e orgulhoso da sua inteireza, lhe retalha as faces com as chicotadas do desprezo e das coleras da honra !

E' por isto que nós não somos regeneradores, nem progressistas, nem constituintes, nem avilistas, nem liberaes, nem absolutistas. E' por isto, que nós não somos nada, sendo, ao mesmo tempo, tudo. E' por isto que nós somos do sr. Fontes quando o sr.

Fontes nos compra, somos do sr. Braamcamp quando o sr. Braamcamp nos corrompe, somos do sr. Dias Ferreira quando o sr. Dias Ferreira nos aluga, somos do sr. duque d'Avila, quando o sr. duque nos contrata; somos liberaes, quando em 4:000:000 d'habitantes ha 7:000 homens que nos livram da forza; e somos absolutistas, quando um exercito de 80:000 praças nos protege carinhosamente essa forza, para ornato das nossas gargantas e prosperidade da industria dos cordoeiros!

Se a ignorancia nos não deixa ter ideias, a immoralidade não nos deixa ter sentimentos. A opinião publica é como um mastro de *cocagne*: o que escorrega menos no sebo das venalidades é que sóbe ao alto e domina.

Por isso, srs. articulistas, sejamos ao menos francos, ou antes — perfeitamente descaraados. Quando os srs. articulistas se mimoseiam tanto a miúdo com os delicados epithetos de *ladrões*, *patifes*, *salteadores*, *intrujões*, *garotos* e *desavergonhados*, sem que reciprocamente intentem, pelo menos, desmentirem-se, é plausivel, é justo que, em lugar de discutirem uns com os outros qual o espirito publico da nação, s. ex.^{as} digam com franqueza o que ha de verdadeiro a tal respeito. E

um dia escreverá a *Revolução de Setembro*:

«O partido regenerador comprou por tantos contos de reis e tantos amanuenses o espirito publico nas ultimas eleições.»

E outro dia communicará o *Diario Popular*:

«O espirito d'esta feita é nosso! O habilitante o sr. Braamcamp picou-o por tal lanço, mais tantas commendas e tantas pipas de vinho.»

Isto talvez seja ignobil, não o negamos: mas, pelo menos, é sincero.



Não temos opinião publica, não é assim? Pois bem, meus senhores, então tambem não temos destino proprio!

Se não digam-me os srs. governantes para onde é que nos levam? para onde nos conduzem? quaes são os seus planos de direcção? que meios tentam s. ex.^{as} empregar para o fim do nosso progresso, do assentamento da nossa autonomia e individualidade? Fallem, excellentissimos senhores.

Querem s. ex.^{as} que nos retemperemos na

tradição para recommençar a vida de descobertas e conquistas? Que s. ex.^{as} o digam: nós estamos promptos. Entreguem-nos os escaleres a vapor do Arsenal da Marinha e iremos outra vez descobrir a India. Dêem ordem de marcha á Guarda Municipal e partimos já a avassallar a Europa.

Querem s. ex.^{as} dar-nos, na concorrência internacional, uma garantia para a conservação da nossa nacionalidade, tornando-nos um povo industrial? mas sem demóra, sr. Saraiva de Carvalho. Cá está uma ideia! Conceda-nos v. ex.^a o privilegio: vamos estabelecer uma fabrica monstro de pasteis de Santa Clara.

Querem s. ex.^{as} que nós tomemos a direcção scientifica do mundo civilisado? nada mais facil: que o sr. Ramalho Ortigão declare já no ministerio do reino os nomes dos ignótos sabiões que o illustre critico descobriu no Pantheon da Junta Consultativa de Instrucção Publica. Erguei-vos Victoria Pereira, João Felix, Moreira de Sá, João José Lopes, e vós outros da cathegoria grammatical, Alves de Sousa e Bento José d'Oliveira! Erguei-vos! agarrae a patria pelos sovacos e levantae-a bem alto para que ella se veja por essa Europa fóra!...

Querem s. ex.^{as} que nós sejamos um povo de agricultores?... Ah! é justamente isto o que nós temos de ser. Têm s. ex.^{as} razão: cá está o nosso destino — a agricultura. Não temos locomoveis, não temos o arado americano, não sabemos o que é um estirpador, uma tarara, um rolo cylindrico. Não conhecemos nenhum systema de irrigação, não conhecemos outro genero de adubos, que não seja o do matto curtido nos aidos. Mas isso que importa?!

Consta-nos que, sem nenhum d'estes agentes de agricultura, uma grande propriedade da Beira rendeu, n'um dos ultimos annos, trinta contos de réis em palha de tabúa. Não é preciso mais nada. Semeiemos tudo de tabúa, tudo desde o Minho ao Guadiana, desde Lisboa a Olivença...

Ah! não se cansem mais s. ex.^{as} sobre o problema da nossa reorganisação economica e politica. Elle está resolvido: já temos a panacêa infallivel. Eil-o, eil-o, o nosso destino augusto, o nosso destino luminoso, o nosso destino civilizador! Até que em fim, patria amada, já te podemos dizer para onde vamos: — vamos á tabúa!...

O paiz pôde exclaimar com jubilo ou com tristeza, confôrme quizer: tenho mais um partido politico. Elle nasceu hontem, das quatro para as cinco da tarde, debaixo d'um *solideo*, dentro do craneo d'um digno par, o sr. Barros e Sá.

Este illustre procere ergueu-se hontem na camaras dos pares e declarou que não era já regenerador, que não era ainda progressista, que não tinha partido, que era, em politica, uma cousa á parte, que era simplesmente — *sogro*.

Esta affirmação perfeitamente original veio collocar o digno par na plana dos grandes espiritos, dos grandes innovadores. S. ex.^a arranjou um novo criterio para a determinação dos partidos. S. ex.^a não se importa com a mesquinha questão das formas de governo; por isso s. ex.^a não é nem monarchico nem republicano. S. ex.^a não cogita na maior ou menor interferencia do povo na governação do estado: por isso s. ex.^a não é nem democrata nem absolutista. A s. ex.^a é-lhe profundamente indifferente que a reli-

gião seja objecto da livre escolha das consciências, ou seja imposta pelas leis : por isso s.^o ex.^a não é pela liberdade de cultos nem pela religião do estado. S. ex.^a nem é um fanatico nem um livre pensador. Não é um politico avançado nem um conservador. S. ex.^a tem singelamente este ponto de vista em todas estas questões complexas — é *sogro*.

Não discutamos este novo criterio. Aceitemol-o tal qual elle brotou dentro do cráneo luzidio e calvo, que o digno par cobre cautelosamente com um *solideo*, para se não confundir com o d'outro Barros — o Cunha.

Registemos unicamente o facto. Temos um novo partido, com um só soldado, mas esse convicto. E' o partido dos *sogros*.

*
* *

Depois d'esta sua profissão de fé o orador proseguiu n'um largo discurso, em que começou a fixar bem a sua nova attitude politica. S. ex.^a tratou de nos apresentar o programma *sogro*. E a nossa admiração cresce successivamente mas a nossa confusão é cada vez mais terrivel.

Houve, sobretudo, um ponto em que o programma do novo partido nos deixou completamente perplexos e atordoados. Foi quando, inscrevendo elle como o primeiro dever dos *sogros* a inconfidencia, começou de practical-a com relação ao *genro* da fazenda.

E então o digno par exclamou: — Sim, senhor presidente, elle, o *genro*, esteve na Turquia, e tanto esteve, *que praticou lá um acto de leviandade, proprio da sua idade juvenil.*

O que esta revelação nos tem feito meditar nem *Barros sogro* nem *Barros genro* o sabem. A nossa imaginação tem-se perdido nas mais audazes e inverosímeis conjecturas. Terá o sr. *genro Barros*, entrado subrepticamente no *harem* e raptado as odaliscas formosas, embarcando com ellas n'alguma galera dourada, entoando hymnos de amor lascivo, por sobre a espelhada e luminosa superficie do Bosphoro? Terá o seraphico financeiro usado da subtiliza de se disfarçar em eunucho, para se introduzir no serralho provando depois lá com toda a vehemencia d'um meridional que o não era? Terá unctuoso secretario d'estado, novo D. Juan do Oriente, levado a escada de seda para Constantinopla, e tel-a-ha elle depen-

durado dos rendilhados balcões *om* que as calidas *houris* escutavam enlevadas a sua voz musical, que *orçao* cantava os philtros voluptuosos da tentação, depois preconizou as mirificas virtudes da agua de Lourdes, e hoje celebra, em fremente *duo* com *Barros sogro*, as excellencias do arrematante, nova *houris* do occidente, que quer seduzir o contribuinte do alto do minarete phantasiado do seu systema fazendario? Santo Deus, todas as hypotheses são admissiveis, mas todas ellas parecem absurdas. Oh! mas isto, é uma crueldade. Sr. Barros e Sá, o partido dos *sogros* é um partido de tyrannia. Isto é peor que Torquemada. Não ha fogueira inquisitorial que corresponda á tortura moral que v. ex.^a nos inflingiu deixando-nos n'esta duvida lancinante.

Que s. ex.^a o sr. *Sogro*, perdão, o sr. Barros e Sá, nos diga o que foi essa leviandade. Que s. ex.^a perca o falso pudor que o contém. Que s. ex.^a leia a *Nana* de Zola e veja que se têm escripto cousas peiores. Que s. ex.^a estude a maneira mais decorosa de nos fazer essa revelação tremenda. Que s. ex.^a torneie as periphrazes mais pudibundas para nos relatar a aventura mysteriosa.

Nós assim não podemos continuar. Parece

que ficámos no meio d'um interessantissimo capitulo d'um romance de Dumas pae, d'esses romances enredados que foram o enlevo das nossas leituras de adolescencia. Venha a leviandade, sr. Barros e Sá. Tire o *sommo*, se é o *solideo* que gravemente o contém. Disfarce a voz, se não quer contar o caso no mesmo tom em que falla á familia. Ponha caraça, se não quer patentear ao parlamento as suas faces candidamente ruborisadas. Recorra ao estratagemas que quizer — mas vomite a leviandade. Se fôr preciso metta dois dedos á bocca — e zás...

Porque a final o que todos percebem é que isto assim não póde continuar. Querer o sr. Barros e Sá fazer de nós novos Tantalos, não, isso não. Que elle seja *sogro* d'um *genro* que nos tira a pelle, vá lá. Mas que nos converta em Tantalos, excede as medidas. Cohiba-se, sr. Barros. Tenha juizo, sr. Sá.

E que é se não isso, se não renovar esse cruel supplicio, o sr. Barros e Sá vendo-nos sequiosos de escandalos, vendo que nós devoramos sofregamente a segunda edição do *Crime do Padre Amaro*, só porque tem uns detalhes picantes, que nós lemos d'um folego o ultimo livro de Zola só excitados pelas cruas nudezas em que abunda; que nós esgo-

tamos a missiva do sr. Camillo á Princeza Rattazzi só por causa das suas citações das cartas de Byron ; o sr. Barros e Sá sabendo isto, e tendo uma *leviandade* ineftita, boa, appetitosa, apimentada, oriental, em que ha sultanas, minaretes dourados, um sol rutilante, o nariz do seu *genro*, o sultão trahido, os eunuchos ludibriados, o Bosphoro, a agua de Lourdes, o arrematante, a escada de D. Juan, em que ha tudo isto e *muchas cosas más*, s. ex.^a possuindo esta preciosidade accena-nos com ella, estimula-nos o paladar, e depois por um maldito pejo cala-se.... Não, não póde ser.

*
*

E tudo isto, leitor sensato, o disse o sr. Barros e Sá a proposito do *real d'agua*. Que dramaticas revelações, que romanticas aventuras nos não patenteará elle quando se tratar do imposto da cortiça ! Que mysterios tenebrosos, que pavorosos sijillos não desvendará elle quando se chegar á contribuição de rendimento.

Porque o sr. Barros e Sá entendeu que um *sogro* não deve defender o *real d'agua* ou qualquer outra medida do *genro*. Deve nar-

rar-lhe as aventuras. Não é bem o seu defensor, é o seu chronista. Ainda elle nos vem a citar não os discursos do sr. Gomes, mas as suas cartas de namoro...

O' sr. Barros e Sá! O senhor não tem nenhuma carta de namoro *do seu genro*, em turco? Procure bem. E se a achar traga-a — para a lei do sello. Não se esqueça sr. Barros. Lembre-se que é *sogro*.

E, por Deus, sr. Barros e Sá perca a sua fementida pudicicia. Isso é uma velharia, e o senhor não quer velharias, senão para o contribuinte. Dê-nos a leviandade, sr. Barros e Sá. O sr. Carlos Bento que lhe bata nas costas se está engasgado. Se isso não bastar outro procere, o Dr. Quaresma, que receite o vomitorio. Deite fóra a leviandade — Bento Moreno, que está escrevendo *O Senhor Ministro*, a aproveitará.

Um dos acontecimentos d'este mez foi o discurso, tão anciosamente esperado e tão retumbantemente applaudido, do padre Antonio Candido.

Segundo as folhas progressistas, a phrase classica da nossa rhetorica parlamentar, que tem figurado ha perto de vinte annos em todas as occasiões solemnes: — *a tribuna portugueza está viuva depois da morte de José Estevão* — essa phrase passou d'uma vez á historia, e os srs. tribunos de S. Bento terão a bondade de ir arranjan-do outra que a substitua.

A citada *tribuna portugueza* acaba, segundo o testemunho dos referidos jornaes, de contrahir segundas nupcias com o reverendo Antonio Candido.

Parece que o celibato ecclesiastico não é preceito tão rigoroso que não permita aos clerigos, além de outras uniões mais ou menos clandestinas, este consorcio meramente platonico com a tribuna nacional.

* * *

No entanto, acceitando, como não duvidamos acceitar, a asserção dos srs. articulistas governamentaes, nós tomamos a liberdade de lhes dizer que não é cousa tão facil, como a s. ex.^{as} se lhes afigura, substituir na convivencia conjugal da alludida *tribuna* a extraordinaria personalidade de José Estevão.

S. ex.^{as} vieram um pouco depois d'elle. Não o viram nos campos de batalha, entre os mais valentes, nem nas refregas parlamentares, entre os mais esforçados. Nem admiraram a viril energia d'aquelle caracter diamantino, nem se deslumbraram ao fulgor prestigioso d'aquelle palavra eloquentissima.

Nós tambem não fomos do tempo d'elle. Somos uns pobres diabos, que nascemos n'um periodo de tranquillidade e de inercia, em que se condemnam como pueris todos os enthusiasmos generosos, e em que se não comprehendem as nobres exaltações d'outras epochas. O nosso espirito precocemente sceptico, estiolado em plena juventude, não sabe avaliar a forte e poderosa geração que trouxe a este paiz o regimen da liberdade. Encarando-a pelo prisma das nossas ideias d'hoje, pelo nosso criterio frio e rigoroso, essa pleiade d'homens entusiastas, um pouco devaneadores, exaltados, intrepidos, em cujo espirito se sentia o ardor apaixonado d'aquelle quadra romantica e tumultuosa, parece-nos a nós um pouco phantasiosa, um tanto rhetorica, quasi lendaria e inverosimil.

Nós hoje não accreditamos em nada. Nem temos as mysticas illusões da religiosidade, nem as paixões nobres das ideias. Estamos

n'um periodo de transição desoladora. Nem nos nutrimos das chimeras metaphysicas que eram o enlevo de nossos paes, nem tão pouco possuímos ainda a verdadeira crença scientifica, a firme, completa e exclusiva adhesão ás conclusões severas e logicas da observação e da experiencia, em face do mundo physico e em face da sociedade.

E' por isso, illustres jornalistas *granjolas*, que a tribuna portugueza ha de resignar-se difficilmente a ver substituida no thalamo em que ella se entrega aos mais gloriosos, que a requestam, a voz vibrante, cheia de crenças e de aspirações, de José Estevão, pela fria e desconsoladora palavra d'um rapaz do nosso tempo.

*
*
*

O discurso do padre Candido é sempre correcto, por vezes elegante, e em alguns trechos realmente primoroso. Os periodos estão torneados a primor, cinzelados com minudente attenção, trabalhados com pericia e com escrupulo. A linguagem é castigada e, em alguns lanços, formosa. Litterariamente parece-nos d'um indiscutivel merecimento a oração.

— Todavia, sinceramente o confessamos, nem nas suas passagens mais perfectas nos enthusiasmos a sua leitura. Dirão, e até certo ponto é exacto, que os oradores devem ser ouvidos. No orador além da palavra, ha a voz, o gesto, o olhar. Já Victor Hugo o disse: em Mirabeau havia um Talma.

Mas o que é certo, é que nós lendo o maravilhoso discurso de Emilio Castellar sobre a *Internacional* não podemos deixar de vez em quando de nos sentirmos espontaneamente arrebatados pela elevação verdadeiramente grandiosa e dominadora d'aquella palavra eloquentissima. E ao relermos aquella objurgatoria arrojadissima de José Estevão sobre a *lei de suspensão de garantias*, não cabe em nós o eximir-nos a que nos domine a mais calorosa admiração perante a espantosa vehemencia d'aquelle verbo inspirado.

N'aquelle discurso revela-se um homem, advinha-se uma voz indignada, vê-se uma cabeça altiva, dominando sobranceira uma assembleia deslumbrada, sente-se circular o sangue d'uma vigorosa organização, e passar o sopro d'um enthusiasmo verdadeiro, profundo e sincero. N'este do sr. Antonio Candido patenteia-se um artista, percebe-se um declamador correcto, transparece um espirito

argucioso, mas nota-se em todo elle uma frieza involuntaria, um tom desconnexo, uma exaltação artificial, uns impetos contrafeitos e forçados.

Nos raptos mais imaginosos de José Estevão palpita o calor febril da inspiração; do arrojado tribunicio, da vehemencia apaixonada. Nos embrincados relevos da oratoria do padre Candido revela-se o paciente trabalho do cinzelador primoroso, que recorta cuidadosamente as folhagens, colore symetricamente as flores, e ennastra methodicamente a grinalda, com que ha de enfeitar o seu discurso.

José Estevão é arrojado, é improvisador, é entusiasta. Antonio Candido é perfeito, correcto, aprimorado. Um é Victor Hugo, outro Theophilo Gauthier. O segundo é capaz de cinzelar essa filigrana preciosa, que se chama — *La Comédie de la Mort*, mas só o primeiro era apto para fundir em bronze as grandiosas estrophes da — *Legende des Siécles*.

* * *

Como revelação da orientação mental do sr. Antonio Candido o seu discurso dá-nos

o seguinte: s. ex.^a é um positivista, que lamenta o estado decadente da sociedade portugueza, produzido pela fatalidade do meio, isto é, pela geringonça constitucional, que nos domina; que declara as eleições entre nós um sophisma da verdadeira significação do suffragio, e por consequencia a base do nosso governo representativo — a representação nacional, uma farçada. Tal é a conclusão a que chega o sr. Antonio Candido, applicando á nossa sociedade os rigorosos processos de observação scientifica que aconselha a sociologia moderna.

Mas que imagina o leitor que o sr. Antonio Candido deliberou fazer em face d'este estado de cousas, com o seu espirito esclarecido no convivio revigorador dos modernos pensadores positivistas? Que imagina que o discipulo de Littré, de Spencer, de Mill, para melhorar a situação anarchica e dissolvente do seu paiz?

Oh! aqui será á tua surpresa, leitor amigo, aqui foi a nossa cruel desillusão.

O sr. Antonio Candido, assim educado e assim orientado, deliberou fazer o seguinte, para elicidade da patria e victoria das suas convicções: associar-se a um dos bandos politicos, que explora este estado de cousas, fa-

zer-se eger deputado aproveitando-se das mesmas tricas, e ir para a camara reforçar com o seu auxilio e animar com o prestigio da sua palavra, a defeza cavilosa d'um ministro, que advogou todas as violencias, todas as viciações eleitoraes, que são o veneno corrosivo que inquina o systema representativo, e corrompe e perverte moralmente o paiz.

E o sr. Antonio Candido bradava: «o governo não tem a culpa; o governo exerceu violencias por influencia inelludivel do meio; o governo mandou fusilar os eleitores recalcitrantes, porque achou já soldados com espingardas e balas; o governo não os mandou fazer; o governo é uma victima innocente do meio e da raça; o governo serviu-se de tricas, que eu condemno, mas não inventou nenhuma, dou a minha palavra de honra, todas ellas eram tricas conhecidas, que estavam numeradas, aos pacotes, nos archivos do ministerio do reino. O sr. José Luciano é um santo — porque não commetteu peccados novos. Lancemos-lhe a absolvição plena!»

Ora, sr. Antonio Candido, sr. positivista *granjola*, a sua solução pratica, positiva, para o actual periodo da vida nacional, é curiosissima. Parece-se infinitamente a situação de

v. ex.^a com a de um homem perfeitamente honrado e austero, que tivesse a desventura de nascer na Calabria, no tempo em que infestavam aquelle paiz esses salteadores que ficaram lendarios.

Supponha v. ex.^a que era esse homem ; um homem absolutamente honesto, a quem repugnava o bandoleirismo dos seus conterraneos, mas emfim v. ex.^a lamentando esse estado immoral d'elles e querendo remedial-o o que fazia ? Fazia o seguinte : — alistava-se na quadrilha de *Fra Diavolo*, e distinguia-se entre os mais ousados ladrões e os mais barbaros assassinos.

E quando lhe perguntassemos pela coherencia logica das suas ideias honradas com o seu proceder criminoso, v. ex.^a responderia : — eu não sou criminoso, nem *Fra Diavolo* o é tão pouco ; nós somos umas victimas do meio e da raça ; nós se matamos, é porque isso era já uso aqui ; mas realmente é torpe esta vida ; isto não tem geito ; no emtanto, *Fra Diavolo* não tem aventuras que não sejam a repetição das dos outros bandoleiros do passado ; elle não fabricou armas novas nem inventou emboscadas d'outra especie ; serve-se das conhecidas, coitado !

V. ex.^a protesta contra isto, sr. Antonio

Candido. V. ex.^a declara que *Fra Diavolo* era um descarado ladrão, um salteador criminoso e os seus quadrilheiros outros que taes. Mas olhe que v. ex.^a não é logico nem coherente.

Olhe que v. ex.^a faz parte da quadrilha eleitoral de que é capitão o sr. *Fra Diavolo*, perdão, o sr. José Luciano.

E v. ex.^a acha-o innocente — por não ter inventado tricas novas.

*
* *

Nós, querido leitor, já o declarámos no principio d'estas paginas. Nem somos das hostes partidarias do sr. Fontes, nem das legiões do sr. Braamcamp, nem dos soldados do sr. Dias Ferreira nem de outra qualquer parcialidade ou de outro qualquer homem.

Somos do nosso tempo e das nossas ideias. Em face da metaphysica abstrusa d'estas ficções constitucionaes, nós temos o zumbido sensato, que importuna os que vivem d'esta anarchia, mas que não derruba ninguem.

Porem como homens novos, como positivistas, como espiritos despreoccupados, las-

timamos que um rapaz, um talento vigoroso educado pela sciencia moderna, sacrifique tão inutilmente a uns falsos europeis a coherencia das suas ideias e a rigidez dos seus principios.

Isto, meus senhores, não é um artigo encommendado por nenhum corrilho politico. Não recebemos a inspiração d'estas paginas d'uma paixão mesquinha ou d'um facciosismo acanhado. Como espiritos do nosso tempo, lastimamos que mais um dos que podiam pelejar galhardamente pelo triumpho das nossas convicções, succumbisse.

Porque o sr. Antonio Candido pôde vir a ser ministro, par, bispo, cardeal, papa, tudo tudo o que quizer. Para nós, foi um membro da geração nova — que falhou.

E é triste, muito triste isto!...

D. Barros de Constantinopla continúa a visitar com a sua mão turca o bolso, já espoliado, do contribuinte. Depois de lhe tirar o cotão voltou-o para fóra e quiz-lhe tambem

arrancar o fôrro. O contribuinte consente tudo. E na verdade que lhe importa a elle o bolso se não tem que lhe metter dentro?

Dizia-nos alguém no outro dia, extasiado perante a parcimonia de *Zé Povinho*, que este conseguira ser Sancho Pança — na pachorra.

Tal e qual! tal e qual como o ministerio que conseguiu ser S. Chupança — na fazenda.

Um successo extraordinario veio ha tempos lançar n'uma profunda consternação o espirito dos verdadeiros liberaes. Não sei se te lembrás, leitor, de que aqui ha annos appareceu para ahi um animal chimerico, policephalo, vestido de sotaina, barbeado, cheirando rapé. Esse animal deu que fazer aos naturalistas: consultaram Linneo, consultaram Buffon, Cuvier, Lamarck, Darwin, Cotta, Fuchs, Vogt, Schiff, consultaram até o Manual Encyclopedico do sr. Monteverde, sem que a sua perplexidade, sobre a determina-

ção zoologica d'esse bicho, se desvanecesse d'algum modo. Emfim um dia o sr. Alexandre Herculano, depois de fundas locubrações, descobriu que essa fera desconhecida, esse animal incrível, tão refractario a deixar-se encafuar na escala hierarchica da zoologia era nem mais, nem menos do que — a hydra da reacção.

Mal se deu por tal, leitor, nem tu suppões o que por aqui foi! Todo o mundo se armou!

Os jornalistas com o thorax a rebentar de patriotismo, e a testa a rebentar d'espinhas, puzeram bicos novos nas suas pennas e, montados heroicamente no artigo de fundo, entraram de furar os duzentos olhos d'essa besta apocalyptica; os poetas esgadharam-lhe a batina, rasgaram-lh'a, fizeram-lh'a em tiras, e açoitaram-lhe o corpo a chibatadas de alexandrinos; os dramaturgos trouxeram-na pelas orelhas até ao palco, e á luz da ribalta, em frente d'um publico cheio de indignação e de suor, deram-lhe surras e pontapés; emfim, depois d'estes castigos solemnes a opinião publica e os garotos agarraram a hydra pelo rabo, arrastaram-na para a rua, e fizeram d'ella gato sapato.

A hydra não podendo resistir a estes tratos tomou a heroica resolução de morrer.

Toda a gente a suppunha morta e bem morta, e sem descendencia, porque os seus dois mais dedicados amantes, os reverendos Couto e Marnoco, nunca haviam transposto para com ella os inoffensivos limites do platonismo, quando, ha cousa de tres mezes surde em Coimbra ao alto da rua do Norte uma hydrasinha nova, de dentes afiados, já desmamada e com uns arremessos taes, que a mocidade academica sentiu alterar se-lhe o pulso.

A hydra?! A hydra da reacção?! A hydra em Coimbra?! A hydra lá em cima na rua do Norte, ao pé da Universidade e da sua Imprensa, entre o sr. Florencio, mathematico, e o sr. Paes, juris-consulto?!

Era um pasmo! era um assombro! era um milagre!

Mas como tinha ella vindo para ali? por onde havia penetrado em Coimbra? como illudira a vigilancia do real d'agua e da policia civil? como é que o sr. Martins de Carvalho, liberal, a não tinha surprehendido á chegada?

Nada se sabia.

Procedeu-se a todas as averiguações. Ninguem a vira nem nos caminhos de ferro, nem nos americanos, nem nos *char-à-bancs* nem

nos hotéis, nem á porta do Abilio, nem na estrada nova, nem nas igrejas, nem nas obras dos Paços do Concelho, nem nas estações policiaes, nem mesmo sobre a caixa de cabeceira do sr. Bispo Conde.

Como tinha ella, pois, penetrado na Lusa Athenas? mysterio, mysterio insondavel! O sr. dr. Albino Giraldes tentava explicar o seu apparecimento pela geração espontanea, a faculdade de medicina accreditava n'algum parto dos senhores conegos da Sé; mas nós, como bons positivistas, abandonamos esta improficua questão d'origem, e limitamo-nos só a registrar este facto memoravel:

— Está em Coimbra a Hydra da Reacção Junior.

Digâmos agora duas palavras sobre o modo como esta nova dama se manifestou á popularidade.

Havia perto ou mais de um anno que aqui em Coimbra vivia modesta e devotamente uma inoffensiva beata chamada *A Ordem*.

Esta beata saía a publico umas tantas ve-

zes na semana, e, a quem a queria ouvir, contava as lendas de Bethlem e do Golgotha, dava conta do santo ou santa do kalendario, e da côr dos paramentos do dia, resava as suas contas e estropiava o seu latim, e finalmente recommendava ao publico os tabacos da Havaneza, os trens d'aluguel do sr. Natividade, o estabelecimento do sr. Frederico Ferreira, as tabernas de fóra de portas, duas ou tres lojas de pezo, e quatro insuas que se arrendavam.

N'esta vida pacata a *Ordem* sentia-se feliz.

Á noute caturrava um pouco com a faculdade de theologia, depois meditava sobre o Breviario, e ia dormir regaladamente o horri-sono somno dos Justos.

Um dia porém esta beata, por distracção ou quer que fosse, teve a infeliz lembrança de ir ver o que se passava nas casas de fóra. Foi metter o nariz na faculdade de direito e approuve-lhe ir escutar o que por lá dizia no primeiro anno um lente de má fama, que, em tempos havia praticado a brutalidade d'uma boa sova scientifica na pessoa d'um seu amigo, d'ella. A *Ordem* foi ouvir as prelecções do sr. dr. Manuel Emygdio Garcia, na cadeira de Historia do Direito Patrio.

O dr. Manuel Emygdio Garcia é um dos pensadores mais disciplinados, e ao mesmo tempo mais desconhecidos do nosso paiz. No meio do metaphysismo da nossa instrução official, a sua propaganda dissidente de positivista destaca d'um modo brilhante e honroso.

Em guerra aberta com as ineptias d'um empirismo cego, com as concepções abstrusas d'umas auctoridades scientificas constituídas officialmente em dogmas, com as aberrações da indisciplina methaphysica, e das credices theologicas, severo e recto na sua logica, cortando a direito pelas instituições e pelas ideias fóra, com o seu criterio temperado rijamente nas leituras meditadas da philosophia moderna, o dr. Garcia combate elle só na sua cadeira a perniciosa corrente theologico-methaphysica da nossa educação intellectual officialisada nos programmas de instrução publica. As suas prelecções claras, simples, feitas a toda a altura do saber contemporaneo n'uma linguagem technica, puramente scientifica, sem os rocócôs da rhetorica classica, são o contraveneno que neutralisa os effeitos perniciosos da educação conservadora, retrograda, ordeira, que nos ministra o ensino official do nosso paiz.

Elle revoluciona fundamente a mentalidade dos seus ouvintes : dando uma plena liberdade de opiniões, discute sempre, ainda com os mais insipidos e ingenuos contradictores. A sua obra tem sempre um effeito benefico ; porque no espirito dos que não converte á nova crença philosophica, elle lança comtudo a duvida, que dissolve e arruina pouco e pouco o velho criterio especulativo e scientifico.

Hoje em Portugal não ha, infallivelmente, um unico bacharel em direito, saído da Universidade n'estes ultimos dez annos, que não saiba, pelos menos, que existe uma eschola philosophica chamada philosophia positiva.

Dando uma media de 70 ao numero dos alumnos dos cursos juridicos, temos que, graças á propaganda do dr. Garcia, ha no nosso paiz presentemente 700 espiritos que sabem da existencia do positivismo. Se d'estes 700 tirarmos 10 por cento para o numero dos que se dedicam voluntariamente ao estudo serio da doutrina de Comte, verificamos que esse numero de positivistas convictos, formados n'estes 10 annos pela brilhante catechese do dr. Garcia attinge a cifra lisongeira de 70 individuos.

Se, depois d'este eloquente elogio dos numeros, dissermos que o dr. Garcia é apenas

conhecido em Portugal como homem de sciencia por essa roda de rapazes, cujo espirito e convicções dirigiu, e por mais meia duzia de sujeitos que sabem d'elle pessoalmente ou por tradicção, temos apresentado a segunda caracteristica d'esse notavel pensador — a modestia obscura.

A *Ordem* ouviu o dr. Garcia e ficou atterrada. Credo ! que desaforo ! que herezias ! que blasphemias ! cruces Satanaz !... O que ali se dizia da Biblia ! Como por lá se tratavam os doutores da Igreja ! Em que consideração era tido o Padre Eterno ! Ora aquella... E jurou logo vingar a religião !

E a *Ordem* foi metter-se em casa na rua do Norte, fechou as portas e as janellas, calafetou os buracos das fechaduras e as frinchas, e impoz-se a obrigação d'um dia de absoluto recolhimento. Ao fim d'esse dia a *Ordem* abriu outra vez as portas e as janellas e a hydra da reacção saltou para a rua, correndo e uivando furiosamente pela cidade.

Como explicar este phenomeno ? Será a hydra um parto prematuro da *Ordem*, que reconhecendo a sua extrema oportunidade, lhe deu a vida antes dos nove mezes da gestação ? Possuirá a *Ordem* o segredo precioso de fazer hydras artificialmente ? Obteve a

Ordem a hydra por meio de evocações espiri-
tistas e pelas praticas da Cabala e da Magia
Branca? Não seria verdadeira a noticia da
morte da hydra da reacção senior, e tel-a-ia
a *Ordem* recolhido em casa depois dos seus
martyrios, de modo que ella agora nos appa-
rece reproduzindo-se na hydra da reacção
junior?

Não sei responder, leitor.

O que é facto é que a hydra appareceu, o
que é facto é que ella ahí está, contra todas
as instituições do paiz, a carta, os codigos,
as auras da liberdade, o compendio de rhe-
torica do sr. padre Borges de Figueiredo, o
cavallo branco do sr. Assumpção, o registro
civil côxo, e o sr. Fontes pintado a fresco.

Sim, leitor: a hydra está aqui em Coim-
bra; todos a tem visto enguiçando as crian-
ças, passeando com os prefeitos do Seminario
Episcopal, tentando as castanheiras do Jardim
Botanico, e ouvindo as lições da faculdade
de theologia. Ninguem a prende, nem a poli-
cia, nem o administrador do concelho, nem
os regedores, nem o centro progressista, nem
os archeiros da Universidade. Ella por ahí
anda impunemente, contra a lei, contra a
justiça, contra a moral — mas anda...

Queridos senhores ecclesiasticos, theologos, e redactores da *Ordem*, dirigimo-nos humildemente a v. ex.^{as}. — Nós vos enviamos a palavra de Deus, e muito saudar.

Meus senhores: Não é nosso intuito entabular com v. ex.^{as} discussão de especie alguma: de modo nenhum. Nós apreciamos-vos, senhores theologos, mas não vos discutimos. O que nos leva a dirigir a palavra a v. ex.^{as} não é o amor do debate, nem o gosto da dialectica — é unicamente o desejo que temos de nos divertirmos.

V. ex.^{as} são muito boas pessoas, pacatas, humildes, tementes a Deus, de sinceras crenças e palavras moderadas. Fallar-lhes alto seria uma brutalidade; desafial-os para cruzarmos dois floretes seria uma covardia, porque os citaríamos para um desforço que a sua regra lhes prohibe: resta-nos pois um unico expediente — fazer-lhes troça.

Ora então venham cá. Nós temos aqui um chapéu de bicos, feito d'um numero da *Nação*, e um rabo de papel feito d'outro nu-

mero da *Palavra*. Temos tambem uma corôa de cascas de cebola, e um nariz prodigioso d'uma mascara velha. Nós desejamos revestir v. ex.^{as} d'estas grotescas insignias do ridiculo. Depois de lhes fazermos esta *toilette*, organizar-se-ha uma pequena *pandega*: jogaremos a cabra-cega, o pilha, os cantinhos, o eixo, o touro, o burro velho. V. ex.^{as} serão sempre o pão das nicadas: dar-lhe-hemos beliscões, piparotes, surras, canelladas, coques, encontrões, carambolas, e v. ex.^{as} hão de fazer caretas, piscar os olhos, arrebitar o nariz, abrir a bocca, franzer a testa; hão de dar cambalhotas, saltos e trambulhões. E quando nós os virmos esbaforidos, arquejantes, cançados, vermelhos, cheios de suor e de pó, com o chapéu de bicos desfeito, o rabo cortado, o nariz combalido, e a corôa enterrada até ás orelhas, então riremos ás gargalhadas, triumphantes, victoriosos, e diremos á sombra de Alexandre Herculano: — Olha, Herculano, olha o que nós fizemos da hydra! Vê lá tu em que estado deixamos este estafermo da hydra! — E a physionomia do grande homem, fria, severa, rude, que parecia irreconciliavel com a florescencia do sorriso, como as rochas agrestes onde a vegetação não péga, ha de illuminar-se pouco e pouco, e desen-

gonçar-se-ha n'uma gargalhada diabolica, satanica, vingativa á vista da vossa ridicula figura...

O' impagaveis redactores da *Ordem*, que andaes vós por este mundo a fazer com a vossa propaganda catholica?! Deixae-vos d'isso rapazes, não propagueis que é asneira. Contentae-vos, quando muito, em conservar, e, se alguma cousa obtiverdes por este lado, damos-vos os nossos emboras. Mas lá quanto a propagar, isso não. Já em tempos foi essa a vossa missão, e, honra vos seja, theologos amigos, vós fostes uns propagandistas de mão cheia. Prestastes-nos com a vossa dedicação milhares de serviços a nós, os homens novos que presentemente vos combatemos.

Mas hoje, no ultimo quartel do seculo XIX, que vae morrer d'aqui a 20 annos, a vossa propaganda é um absurdo, um anachronismo, um abuso, uma transgressão de limite. O vosso periodo passou : já depois d'elle veio o da methaphysica, que, pela sua vez, tambem está a render a alma ao Creador. Agora é o nosso, o periodo positivo : é a vez da concepção philosophica, que o dr. Garcia tão brilhantemente defende.

Escusaes de barafustar, escusaes de vos comprometter com alguma lesão dos pulmões.

Não fazeis nada : isto é fatal, que diabo querem vocês ? Ha de ir assim no seu caminho, intransigentemente, sem desvios, sem oscillações, apesar dos vossos gritos, das vossas lagrimas, dos vossos gestos, dos vossos espantalhos. Ide para a redacção da *Ordem* : rezae com os vossos assignantes a ladainha, contae casos do passado, os idyllios de Magdalena, as tragedias do Golgotha, o drama intimo do Monte Olivete, a epopeia da Resurreição. Fallaes sempre do passado, do que foi, como meros chronistas, e como artistas mesmo se possuis a fórma imaginosa e poetica dos contempladores mysticos. Mas no presente e no futuro nem de leve toqueis : isso não é para vocês, isso é para nós.

Agora que demos a v. ex.^{as} um tão util e salutar conselho, resta-nos desenganal-os d'uma das suas illusões mais sorridentes.

Um dos argumentos (o de maior força talvez) com que v. ex.^{as} nos tem querido provar a necessidade e utilidade da sua religião, é o argumento de que ella constitue uma importante disciplina moral para os costumes e para as relações sociaes.

Como v. ex.^{as} se enganam ! Pois pensam ainda os senhores theologos na acção disciplinar do elemento religioso ?! O' que seraphica

ingenuidade ! que simples e translucida crença ! Ah ! nossos pobres senhores, não vos illudaes por mais tempo.

A religião é hoje, no estado actual da sociedade, absolutamente improficua, para o fim de moralisar, de conter, de educar, de organizar. A religião pelo seu character de supernaturalismo, pelo seu espirito de revelação, pela sua estabilidade, pelo seu tradicionalismo, pela sua physionomia antithetica aos progressos da sciencia, não possui presentemente uma unica das fortes condições unitarias, ligadoras, consolidantes, que apenas cada uma das suas seitas tão numerosas e diversas, contém no fundo moral das suas respectivas doutrinas. A liberdade de pensamento, conquistada pela assombrosa função social do seculo XVIII na historia da humanidade, é um facto que passou do dominio da theoria e da especulação para o dominio das convicções e dos codigos. Já não se discute.

Portanto hoje na individualisação das crenças, garantida e favorecida pelo reconhecimento pratico e legal d'aquelle importante direito do homem, a unificação do sentimento religioso, na accepção theologica da palavra, é uma utopia. Elle tende a esphacelar-se cada vez mais, a desorganisar-se de momento para

momento. Não ha remedio para esta morte. O periodo da religião theologica passou.

Ora querer salvar a moral, a justiça, as instituições com a applicação d'uma droga que fermenta desde ha muito, é um grave erro de therapeutica social. D'esse tratamento apenas poderia resultar — unica e simplesmente — a morte do medicado.

Mas, senhores theologos, enganam-se profundamente v. ex.^{as} quando suppõem que esta decadencia do sentimento religioso nas sociedades modernas é um facto symptomatico de morbidez. Não é. Bem ao contrario, é um signal evidente de renovação, é uma prova incontestavel de vitalidade e força, é uma manifestação animadora de convalescença. O mal da humanidade não é a crença positiva moderna — foi bem ao contrario a modorra da theologia, seguida d'aguda febre cerebral da metaphysica. O' miseros curandeiros, ó doutores Sangrados da humanidade, mirae-vos na justa precisão do vosso diagnostico!

Como elemento disciplinar do individuo, a religião, caros senhores, tambem nos não parece muito promettedora de bons resultados.

A vossa moral individual deu, como ultima

expressão de aperfeiçoamento, o ascetismo. Ora Herbert Spencer chama á moralidade ascetica uma *moralidade immoral*. Os defeitos do supernaturalismo são aqui augmentados por um sem numero de características emollientes : a crença na sorte e no fatalismo, o desprezo da dignidade, o sentimento de humildade, a fraqueza, os extasis, as tendencias mysantropicas para a solidão, e portanto para o estado anti-social, os jejuns e as penitencias deleterias para o corpo e inuteis para a consciencia, a inactividade, a excomunhão do trabalho, etc.

Não nos parece que um sujeito que siga á risca os preceitos d'esta moral, queridos theologos, possa n'este mundo servir para alguma cousa : mal alimentado, mal vestido, fraco, sujo, abstracto, submisso como um cão, arredio como as galinholas, ignorante e contemplador, esse sujeito pôde, quando muito, dar do seu esqueleto uma boa dóse de phosphatos ás industrias do guano.

Ora os nossos reverendos amigos tanto reconhecem este facto, que não seguem, como se nos afigura, assim á risca, á risca, tudo o que lhes impõe a sua moral. Vossas reverendissimas não mostram um profundo desprezo pela carne — nem pela de vacca,

nem pela de mulher. Vossas reverendissimas fumam o seu cigarrito — brejeiro, é verdade — e tomam a sua pitada — de simonte, sim, mas tomam-na. Nós vemos-os gordos, nedios como os gatos dos burguezes, agasalhados nas suas batinas, nas suas boas meias de lã, e nos seus sapatos de duas solas e couro grosso. Além d'isto os nossos caros amigos têm em muita consideração os solidos syllogismos musculares n'alguns casos d'esta eterna controversia da vida. Apenas quanto ao artigo agua, nas applicações de lavagem e limpeza, é que nos parece que v. ex.^{as} se desviam menos dos preceitos da sua regra moral: ás vezes a volta das suas batinas só rivaliza em alvura com a camiza d'um carrejão, e as unhas das suas mãos, mysticos amigos, mostram o ar sobranceiro e luctuoso d'uma familia a quem Deus aprouve roubar recentemente o chefe.

— Mas isso faz pouco ao caso, dirão v. ex.^{as} nós fallamos da disciplina moral —.

Oh! ricos senhores, mas nem de leve toquemos em taes assumptos. . .

Sim, nós não queremos ir ao vosso quarto, abrir para os lados o cortinado de cassa branca da vossa cama, e mostrar ao publico attónito dois travesseirinhos de moinha, um ao lado

do outro, na mais doce e feliz intimidade : e isto pela simples razão de que o publico poderia ter desejos de resolver esta duvida cruciante : — dois travesseiros, duas cabeças. Ora ou elle tem duas cabeças, ou... — (E evidentemente, isto entre nós, sem que transpire, os nossos amigos não são bicephalos).

Nós tambem não queremos ir ás casas de batota porque, ao tirar a nossa bengala do bengaleiro, poder-nos-íamos enganar e achar-mo-nos na rua com o vosso guarda-sol, tão conhecido dos vossos clientes espirituaes...

Tambem n'um baile de mascaras (horror!!!) nos seria possivel descobrir os vossos sapatos de fivela, servindo de supedaneo a algum grosso dominó incognito...

Tambem...

Ora para que diabo nos fizeram vocês falar n'estas cousas?! Não era bem melhor estarmos calados?!

De maneira que n'este assumpto... melindroso, onde nós queremos chegar, ex.^{mos} srs., é a esta verdade incontestavel : v. ex.^{as} pela sua propria experiencia reconhecem que a disciplina moral da religião, se não leva ao ascetismo, o que é um mal, leva á hypochrisia, que o não é menos. E isto porque, doutos polemistas? por este simples motivo : que a

religião está em conflicto com a natureza do homem, e está em conflicto com o actual momento historico.

Portanto abandonae á moral o trabalho de formar consciencias e de disciplinar vontades. Ella sim, ella tem recursos inexgotaveis, porque estuda a natureza e estuda as modificações da evolução social.

Mas, se ainda assim persistis, senhores theologos, em preferir para uso proprio a disciplina religiosa, isso então a vosso gosto: como quizerdes. N'este caso estamos d'accôrdo em que a religião seja uma disciplina, seja um agente de repressão moral, seja um freio. . . — um freio mesmo é o que ella é. Nós accreditamos plenamente em que ella seja um freio. Mas sendo assim não notem v. ex.^{as} que não gastemos da sua religião. Nós dispensamos a metaphora. Temos para isso altas razões de modestia: — a nossa humildade não nos deixa aspirar ao uso d'um objecto de *toilette* tão exclusivo. . . dos pachydermes. Tudo menos isso.

Guardem v. ex.^{as} cuidadosamente esse freio: limpem-no da ferrugem secular, esfregando-o com areia, dêem-lhe brilho com uma camurça, untem-no d'azeite, para que não se oxyde de novo.

Depois usem-no só nos dias de perigo, quando as púas do peccado lhes esporearem os ilhaes. Que elle os sustenha, senhores theologos! n'essa occasião afivelem-no á cabeçada e ás redeas, e que as maxillas de v. ex.^{as} pròvem o aço fino d'esse freio mystico. Nós, ex.^{mos} srs., humildemente nos prestamos — a temperar a barbéla...

Corre com insistencia que estando vago um circulo eleitoral do districto de Coimbra, na proxima eleição supplementar será proposto deputado pelo governo um cavalheiro muito conhecido aqui pela sua quadrupla condição de poeta lyrico, republicano, cidadão e capitalista.

O conhecimento que temos dos antecedentes scientificos e litterarios d'esse cavalheiro, levam-nos a prever com nitidez a sua primeira oração parlamentar, se s. ex.^{as} obtiver o mandato politico do circulo, porque se propõe

Ora oçam :

— Sr. presidente : lançado pela corrente dos acontecimentos ao seio do parlamento portuguez, eu sinto no meu peito o jubilo triumphante de Carlos Magno em Waterloo.

Acceitando o mandato dos meus eleitores eu procurarei ser por o meu circulo o que Artaxerxes tem sido para a moderna Italia, e o que Napoleão foi para o povo de Israel.

Sr. presidente, ninguém ignora os progressos da humanidade : a descoberta da imprensa no tempo dos Pharaós por Archimedes, os trabalhos philologicos de Lavoisier no periodo aureo da historia grega, o positivismo de Spinoza no seculo de Augusto, a revolução franceza na Edade Media, as descobertas de Pedro Alvares Cabral no polo Arctico, o apparecimento miraculoso de Joanna d'Arc na guerra dos Zulus, a intervenção de Babylonia na recente crise das republicas americanas, as victorias do sr. infante D. Augusto sobre os mouros de Tanger, as catapultas e as balistas de Krupp, a machina a vapor de Confucius, e a *Crítica da Razão Pura* de

Ossian, indicam com clareza e evidencia que a humanidade não tem descansado n'estes ultimos cinco mezes, depois que transpuzemos os humbraes do seculo XXIII — o seculo das luminarias! . . .

Mas devemos nós admirar este progresso só pelo lado da politica, pela banda dos inventos de guerra, pela parte dos trabalhos da industria e da sciencia abstracta?

Não, sr. presidente; não!

Temos de ser mais audaciosos. Lancemos as vistas maravillhadas pelo vasto campo da arte! Que manifestações, sr. presidente, que manifestações!

Aqui Raphaelim mortalizando a sua palheta nos frescos de Pompeia, além Dante escrevendo os *Burros*, mais para aqui Phidias cinzelando a estatua do Rei-Soldado, mais para ali o director das obras publicas de Bragança erguendo a Cathedral de Coionia, para o norte Erasmo construindo a Batalha, para o sul Cicero planeando as Tulherias; depois as faianças de Bernard de Pallisy na antiga Grecia, e os preciosos pratos da India do tempo de D. Affonso Henriques com as armas d'este monarcha, Zacharias cinzelando camapheus duros, e Cellini cinzelando camapheus moles, e sobre tudo, meus srs., Manuel Mendes En-

xundia escrevendo os *Lusiadas*, e Camões, vibrante de genio, compondo os *Rougon-Macquart*!

E' por estas e outras razões, cuja ennumeração seria prolixa, que eu mando para a mesa a seguinte proposta de lei :

— Art. 1.º Fica abolida a destruição dos cães vadios por meio dos bolos de strychnina.

— Art. 2.º Está revogada toda a legislação em contrario.

* * *

Escusado será dizer que o orador... ha de ser cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

Na mesma semana, e em dois theatros diversos, teve a capital dois *fascos*.

Em S. Carlos a sr.^a Christofani não conseguiu com a sua gentileza e formosura domar os impetos dos *dillitanti*, que estavam firmemente dispostos a desprezar todas as seducções e todos os attractivos d'uma mulher bonita para só cuidarem da desafinação d'uma voz de má qualidade.

Assim a pobre canora teve de retirar-se da scena d'aquelle theatro, indo deslumbrar outros espectadores com a sua belleza, e ferir outros ouvidos com as suas notas desafinadas. O nosso publico quiz provar que só é *atheniense* fóra de S. Carlos, e quando lhe dão *Preciozi*. Então sim.

Em S. Bento foi a desforra da sr.^a Christofani. Ella fóra desfeiteada pelos pateantes do theatro lyrico. Pois bem! os pateantes nacionaes soffreram em S. Bento uma derrota maior que a da gentil cantora infeliz. Porque n'este theatro parlamentar, em que tudo é singular e exotico, não foram os actores os que fizeram *fiasco* — foram os *pateantes*.

E, coitados, elles não tiveram a culpa. E' que tinham para lá mandado poucos, e como esses mesmos não tinham indicada a scena que deviam reprovar, não sabiam quando intervir com os seus gestos... pedestres, e o signal deram-lh'o tarde e mal.

Para a outra vez é mister que se ensaiem melhor, e que peçam ao sr. Saragga que os dirija. D'isto sabe elle mais que o sr. José Luciano.

Os jornaes têm noticiado, a proposito do centenario de Camões, que a commissão portuense, encarregada de festejar esta data gloriosa no Palacio de Crystal, propõe, entre outras manifestações de preito à memoria do grande epico, doze premios para as doze mais bellas lavradeiras, que se apresentem a este concurso de esthetica plastica.

Nunca mais acharia descanso a nossa consciencia, nunca mais resentiria paz o nosso coração, se, perante esta decisão solemne dos senhores commissarios portuenses a nossa penna se prestasse a traçar entusiasticamente um sincero protesto de adhesão a esta ideia extraordinaria.

Temos comtudo a ousadia de levar á consideração dos senhores commissarios alguns ligeiros motivos que nos inibem de nos collocarmos inteiramente do lado de s. ex.^{as} na questão alludida.

Que os senhores commissarios nos attendam.

* *

A proposta dos senhores commissarios portuenses póde ter — não discutimos — um solido fundamento na tradiçãõ, na signifiçãõ esthetica, no symbolismo dos centenarios, em tudo o que s. ex.^{as} quizerem.

Onde ella se não funda é na moral.

Desculpem-nos s. ex.^{os} esta caturrice da moral, mas nós temos a ingenuidade de acreditar que a primeira condiçãõ indispensavel para o equilibrio de todos os actos humanos, ainda os mais simples, e de todos os factos sociaes, ainda os menos complexos — é a moral.

Para nós, senhores commissarios, onde a moral não disciplina, achamos sempre infructifero o trabalho, seja qual fôr o genero que consideremos. A immoralidade tanto conspurca e amesquinha o trabalho industrial, como o trabalho scientifico, como o trabalho esthetico. Onde toca suja.

Ora parece-nos que s. ex.^{as} os senhores commissarios não ponderaram bem a proposta a que alludimos. Senão vejamos.

*
* * *

O facto dos senhores commissarios pretenderem expôr à consideração d'um jury de artistas, doze ou mais camponezas, como se expõe doze estatuas de gesso, leva-nos a crer que s. ex.^{as} não têm do coração e do espirito da mulher, e do seu destino social, uma noção lucida e precisa.

Pôr uma mulher a concurso de belleza e dar-lhe como unico fim do seu aperfeiçoamento — o cultivo da plastica, o cuidado physico do corpo.

Essa mulher, quando o attingir, não está predisposta, pela sua educação exclusiva, a ser a esposa d'um homem honrado e a mãe d'uns filhos honestos. Não está apta tão pouco para se empregar em qualquer trabalho productivo, para ser lavadeira, engomadeira, creada, caixeira, mestra, ama de leite, cosinheira, operaria, artista, porque para cada um d'estes officios a correcção das fórmãs não é uma condição essencial.

Essa mulher fica pois reduzida a este fim unico, que pômos á consideração do morigerado espirito dos senhores commissarios por-

tuenses — essa mulher só poderá ser uma *cocotte*!

As doze lavradeiras que os senhores commissarios premiarem — podem s. ex.^{as} crel-o, sem receio — ser^{ão}, apenas saírem a porta do Palacio de Cryral, entre o sorriso malicioso e a admiração insolente dos espectadores, não as doze raparigas alegres e fortes, que trabalhavam utilmente um dia inteiro nos campos da sua aldeia com uma enchada ou um arado, mas doze iniciadas na confraria da prostituição, que em breve regatearão o preço da sua carne e o valor inestimavel dos seus beijos! . . .

Ahi têm os senhores commissarios a sua obra!

Affigura-se-nos que victimar em honra do sublime vidente do mundo novo — o mundo do trabalho e de moralidade — como lhe chama Michelet, a honra de doze mulheres do campo, que têm tanto direito ao pudor, e ao respeito publico como as aristocratas e as burguezas que forem assistir ás festas do centenario, affigura-se-nos que este sacrificio

do que a mulher tem de mais precioso á memoria do cantor dos *Lusiadas* não pôde advir d'uma boa comprehensão da historia e da evolução social.

Talvez que, se Camões pudesse emergir da eterna noite da morte, do frio sarcophago do passado, e lêsse em qualquer jornal o programma do seu centenario, a realizar na cidade do Porto, talvez que o grande épico fosse procurar os senhores commissarios e os puzesse no irresistivel dilemma de ou riscarem a parte a que alludimos, ou experimentarem no pescoço o aço esmagador do seu guante de cavalleiro.

O melhor modo de acatar e reverenciar o passado (e o centenario de Camões não é nada mais do que esta commemoração altamente humana) consiste em se ser plenamente do seu tempo, em se ser sem reserva das ideias e principios do presente.

Isto é o que nos ensina a moral das ideias e das crenças, deduzida do principio da filiação historica.

A persistencia no passado, que é o espirito de conservação, e tão absurdo como a anticipação das crenças futuras, que é a indisciplina revolucionaria.

O termo verdadeiro é a oportunidade. E

esta ideia não é um principio que se faculta ás adhesões da razão, é um principio que se impõe ás determinações da consciencia.

Ora pois, senhores commissarios, nós accusamos v. ex.^{as} de não serem do seu tempo, e accusamol-os com o libello formidavel da historia, e o testemunho não menos formidavel do *Diario Illustrado*.

V. ex.^{as} vão contra este eminente principio da nossa epocha — a moralidade. Vão talvez sem consciencia, sem caso pensado, sem preposito mau — mas vão.

O nosso tempo não é precisamente aquelle em que a virgindade das mulheres se sacrificava a Venus e em que as bachanaes eram um rito religioso; não é tão pouco ess'outro em que o coração obedecia a este preceito do galanteio cavalheiresco da Edade-Media— *Nada se recusa ao amor!* — justificando o adulterio e sancionando uma perfeita prostituição aristocratica; nem tambem essa epocha que, depois das crápulosas dissoluções de Luiz XIV e Luiz XV, veio repôr os desvarios da paixão medievel, com essa tremenda indisciplina dos sentimentos e da carne, que se chamou a reacção romantica.

Não é.

Nós vivemos n'um periodo de ordem, de

constituição, de reorganisação social. Vão-se gradualmente percebendo as bases fundamentaes da sociedade futura; e abalar essas bases, de qualquer modo que seja, é perante a justiça e perante a consciencia uma falta grave quando o não queiramos considerar um crime imperdoavel.

D'entre estas bases fundamentaes, inabalaveis, elementos estáticos da sociedade humana, avulta a instituição da familia que, com quanto tenha soffrido na successão dos momentos historicos as alterações impostas pelo séguimento da evolução social, tem comtudo persistido na sua essencia atravez dos seculos e das civilisações.

A familia, tal como a comprehende a philosophia moderna, impõe uma educação especial á mulher, para que ella, na cooperação d'essa existencia, a não faça desequilibrar pela sua parte.

As virtudes da mulher têm de ser aferidas pela equivalencia dos factores conjugaes na realização da vida familiar.

A belleza é certamente um attributo de valor, é uma virtude tambem. Mas não é fundamental, não é indispensavel. Physicamente superior ainda á belleza é a saude, porque a belleza suppre-se com a graça, com

a sympathia, com a *toilette* infinitas vezes, com os modos e com o espirito. A saude raramente se suppre, ou antes nunca. A hygiene conserva, é verdade, e a therapeutica remedeia; mas quando o mal é organico a medicina é sempre de qualquer modo impotente para o atalhar.

Parece-nos que, no nosso tempo, se os senhores commissarios tinham a intenção de premiarem, em honra de Camões, doze mulheres por qualquer motivo, esse motivo devia estar mais em conformidade com as ideias da nossa epocha do que aquelle que s. ex.^{as} escolheram.

Em lugar do premio de belleza, os senhores commissarios pöderiam ter instituido com mais proveito o *premio de virtude*, por exemplo. E — podem s. ex.^{as} crel-o — as premiadas ao saírem do Palacio talvez não fossem acolhidas pelo applauso sensual que espera essas pobres filhas do campo, mas ao contrario seria a sympathia commovida e respeitosa que seguiria com o olhar a passagem d'essas esposas, mães, filhas e irmãs, ás quaes o fino criterio de s. ex.^{as} concedesse a digna recompensa do seu valor moral, auctorisando-as como exemplo e como modelo.



Mas o premio de belleza, senhores commissarios, o premio de belleza... de fórma nenhuma!..

Esse premio será uma especulação torpe como a vaidade d'umas mulheres ignorantes, lisongeadas n'aquillo que ellas melhor podem comprehender pela deficiencia de educação e de cultivo intellectual ou moral — a sua animalidade.

Não tem fim digno, não dará resultados praticamente beneficos, não excita a nada de bom, não premeia nada de pessoal.

Esse premio é sobretudo injusto por esta ultima razão. Premiar a belleza d'uma mulher é premiar-lhe um attributo que ella deve antes á Natureza ou a Deus, como os senhores commissarios quizerem, do que á sua propria pessoa. O premio só deve recaír sobre as qualidades pessoaes, actos de consciencia, de determinação livre; sobre o que é casual, fortuito — nunca!



Attendendo aos graves perigos e ás funestas consequencias, que, para as premiadas n'este concurso de belleza, podem advir da proposta dos senhores commissarios portuenses, achamos que s. ex.^{as} querendo persistir em honrar Camões com um torneio de plastica humana, poderão facilmente expurgar de immoralidade esse acto, substituindo n'elle os concorrentes femininos — por concorrentes masculinos.

D'este modo nada haverá a recear para o pudor e para a virtude dos oppositores, e os proprios senhores commissarios podem aproveitar-se do ensejo e concorrerem como quaesquer outros

Oh! E nós queriamos ver se o jury se indecedia um instante — entre as nossas caras e a do sr. Joaquim de Vasconcellos . . .



P. S. — Depois d'este artigo feito e levado ao prelo, vimos no *Commercio do Porto* de 2

d'abril de 1880 que a commissão portuense do centenario de Camões havia resolvido supprimir o concurso de belleza.

Ainda bem. Com quanto nos não possamos lisongear — o que é pena — que fôsse por influencia nossa que a commissão emendou a sua leviandade, não nos é licito comtudo subtrahir-nos ao dever imperioso de cumprimentar os senhores commissarios por terem feito uma emenda inquestionavelmente superior ao soneto.

Rei chegou! Rei chegou!

Até que em fim realizou-se o tradicional desejo do absolutismo portuguez, phreneticamente expresso na lettra do memoravel hymno realista!

D. Miguel chegou á barra! Unicamente não desembarcou em Belem, mas no Caes dos Soldados; não o foram esperar as galeotas reaes, com os seus remadores algarvios e os seus ricos broqueis rasteando na agua, mas uma simples catraia do Terreiro do Paço, tripulada por dois remadores descalços; não

o recebeu o enthusiasmo delirante dos seus correligionarios mais pirrónicos ; mas a indiferença maudriona dos senhores amanuenses fazendo horas na Arcada na indecisão da sua cábula.

A estranha visita do sr. D. Miguel a Lisboa desilludiu-nos tristemente sobre o espirito de sua alteza e sobre o futuro do absolutismo. O principe saiu-nos — um nostalgico, e o absolutismo — um illudido.

Julgavamos nós que o sr. D. Miguel, vindo a Portugal, affrontando o terrivel castigo promettido á sua audacia, trazia em vista alguma cousa mais do que dar expansão ás suas saudades de exilado *ab ovo*, do que mitigar a nostalgia herdada do principe proscripto que lhe dera a vida. Julgavamos que sua alteza vinha responder ás esperanças do seu dedicado partido, que sua alteza vinha trazer ideias á opposição realista, que sua alteza vinha em fim reanimar as tradições de familia, e combater pelo restabelecimento d'um systema que teve tantos martyres e tantos apóstolos victimados. Esperavamos que o sr.

D. Miguel !! fosse menos *miguelista*, e mais *politico*. Enganamo-nos.

O principe perante a expectativa do seu partido teve estas heroicas demonstrações de presistencia nas ideias paternaes : foi aos touros e ouviu uma missa de frei José da Pureza no convento da Estrella ! O alazão do Mourisca e o habito d'um frade, eis aquillo a que o sr. D. Miguel !! veio protestar as suas sympathias de tradição !

O que o pae levou para o exilio trouxe-o o filho de lá 40 annos depois. Sedvem resuscitado em Mourisca, o padre Buella em frei José da Pureza, eis o que o partido absolutista ganhou em quasi meio seculo de inquebrantavel esperança, em quasi meio seculo de nunca desmentida fidelidade!...

Ah ! pobre abolutismo ; tens sido bem illudido ! O teu principe não veio cá jurar bandeiras na tua presença : veio espaiarecer saudades da familia. Nem te bateu á porta, nem deu ao sr. Pinto Coelho a suprema consolação de lhe beber — do Alviella ! Triste Alviella ! Tambem tu ficas sem a consagração do velho tradicionalismo monarchico ! Maus fados te esperam !

Ouvi, absolutistas ! Abri os olhos á desillusão ! D'ora ávante escusaes de contar com o vosso principe, com a vossa esperança de tantos annos. Dizei-lhe adeus. A esperança foi-se : o principe demittiu-se do cargo de tyranno presumptivo. Maldição sobre elle e sobre a sua posteridade !

Mas não desanimeis. Para entreter esperanças ha sempre ensejos : não desanimeis. Por um principe que vos foge mil se vos apresentam. Esperae sempre, que dos que esperam, lá vos diz a cartilha, é o reino celesstial.

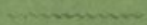
Abandonou-vos D. Miguel ?

Pois bem, sublimes teimosos, nada de lagrimas, nada de dasanimo ! Deixal-o !

Esperae agora por D. Sebastião...

O tempo vae com nuvens, e, mais dia menos dia, o homem está por ahi.

EXPERIMENTE



de **Amibidos** publico-se no **Expediente**
no **partido** de **com** **mes**. **Tudo** **de** **mes** **de** **de**
de **mes**

Tudo **de** **mes** **de** **de** **de**
Tudo **de** **mes** **de** **de** **de**

de **mes** **de** **de** **de** **de**
de **mes** **de** **de** **de** **de**
de **mes** **de** **de** **de** **de**
de **mes** **de** **de** **de** **de**

Tudo **de** **mes** **de** **de** **de**
de **mes** **de** **de** **de** **de**



EXPEDIENTE



Os **Zumbidos** publicar-se-hão regularmente no principio de cada mez. Terão pelo menos 80 paginas.

Cada exemplar custará 200 réis.

À venda nas livrarias seguintes :

Em Coimbra — *Melchades* — rua da Calçada.

Lisboa — *Ferin* — rua Nova do Almada.

Porto — *Magalhães & Moniz* — Largo dos Loyos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração dos **Zumbidos** — 44, rua da Trindade — COIMBRA.



EGO - ALTER

ZUMBIDOS

CHRONICA MENSAL

N.º 2

Abril de 1880



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1880

1880 - 1881

MEMORIOS

CRONICA MENSAL

N.º 2

April de 1880

1880

COMISSAO

LITTERARIA

1880

SUMMARIO

O realismo e o sr. Pinheiro Chagas. — Escriptores de Panurgio de hontem e de hoje. Indignações no *Atlantico* e Pinas no *Diario da Manhã*. Realismo e romantismo. Confronto. Zola e Achilles. A critica em Portugal. O sr. Chagas inferior ao seu talento. O realismo como manifestação esthetica do actual momento historico. A immoralidade realista. O sr. Chagas e mr. Pinarad, advogado imperial. A critica de retalhos. O que é a *Curée*. O pensamento da escola realista e os processos porque ella o executa. Distinção necessaria. Moralidade romantica e moralidade realista. Zola e Dumas fils, a *Dama das Camélias* e a *Nana*. Conclusão. — **As ordenações policiaes do senhor Governador Civil de Lisboa.** Tabernas, restaurantes e fadistas. O fadista e o philoxera. A ceia e o espirito. A walsa dos Sinos e os sinos da capital. Cita-se o Porto e a sua limpeza. O sr. Daun e a archeologia. Lisboa e Palmyra. *O boulevard* e os restaurantes fechados. — **O caso Salles Ribeiro.** — Marialvas e fadistas. A policia e os monte-pios. Assassinos gratis e assassinospagos pelo paiz. Um protesto contra estes. — **Os novos Lusíadas de João Felix.** O

verso e a prosa. Programma do centenario de João Felix Camões. — **Os estudantes de Lisboa e o centenario de Camões.** Um estudo sobre o grande épico feito n'uma tarde. — **Os inqueritos ás secretarias.** Porque nos não importamos com elles. Os inqueritos como estrategia partidaria. O que se devia inquirir. Do unico modo dos *Zumbidos* se tornarem *granjotas*. — **Camões, a academia de Coimbra e o sr. Miguel Osorio.** Pede-se que este digno par seja convertido em paliteiro. Razões do pedido. — **Discurso n.º 2 de Antonio Candido.** Os triumphos e as corôas. — **Contos d'Alberto Braga.** — **A poesia parlamentar.** Cita-se o sr. Tavares Crespo. Preveem-se episodios rimados das futuras sessões. — **A imprensa.** Um sapaiteiro positivista.

O sr. Pinheiro Chagas, n'um folhetim publicado no *Atlantico*, folha destinada ao Brazil, e escripto com a sua antiga *verve* folhetinistica e a elegante facilidade do seu bello estylo, dirigiu a geração nova das lettras portuguezas algumas phrases de severa mas justa critica.

Insurge-se o sr. Chagas contra a tendencia de imitação servil que domina a pleiade de modernissimos escriptores nossos. Com effeito, o *pastiche* mais ou menos banal, é o que reina na nossa ultima phase litteraria. Algumas individualidades poderosas e brilhantes, que se accentuam por uma notavel originalidade, levam atrás de si, cada uma d'ellas, uma cohorte de piagiarios que lhes imitam á risca os processos de estylo, as anomalias de dou-

trina, e as qualidades características, mas sem as illuminar com as scentelhas d'esses engenhos privilegiados. Não fazem nas suas obras senão uma contrefacção litteraria. O sr. Chagas vibra a estes litteratos o mordaz e merecido epitheto de — *escriptores de Panurgio*.

No *Diario da Manhã* de que o sr. Chagas é redactor principal, escreveu o sr. Serafino — cremos que é o sr. Marianno Pina — um artigo concordando com o folhetim do sr. Chagas. No dia seguinte, porém, publicava o citado jornal, um outro escripto do mesmo sr. Pina, que era uma *mayonnaise do humourismo* do sr. Ramalho Ortigão e do estylo vivido e scintillante do sr. Eça de Queiroz, condimentados com a indigena semsaboria innata do referido sr. Pina. E d'ahi a dois dias, apparecia na mesma folha um folhetim do sr. Fialho d'Almeida, em que se pretendiam realizar os processos e intuitos estheticos do auctor do *Primo Basilio*, com uma tão caricata insulsez, que mettia dó.

Por Deus, sr. Pinheiro Chagas, não escreva só *tirades* espirituosas contra os *escriptores de Panurgio*: — evite propinar tão a miudo aos pobres leitores do seu jornal as avariadas drogas litterarias que elles fabricam.



Concordandó com o sr. Chagas na sua apreciação da nova camada litteraria do nosso paiz, não queremos, comtudo, deixar de lhe notar, que se hoje effectivamente nós vemos atrás das personalidades eminentes de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão e de Guerra Junqueiro, por exemplo, uma multidão de servis imitadores, que, não comprehendendo o largo alcance dos trabalhos d'esses homens notaveis, apenas plagiam desastradamente o feitio graphico do seu estylo ou a parte material dos seus processos artisticos, — se isto é uma verdade, clara e evidente como a luz do sol, não é menos certo e innegavel que em todas as épocas se observaram entre nós phenomenos analogos.

Em volta de Garrett quantos imitadores reles! A singeleza adoravel das suas *Viagens na minha terra* quantos *recits* insôssos e ridiculos produziu! O perfume delicado dos seus versos intimos, quantos idyllios piegas e caricatos nos forneceu!

Em torno de Herculano o mesmo. As harmonias mysticas e grandiosas da *Harpa do Crente*, deram-lhos larga copia de plangentes

e soluçadas composições, sem valor litterario e sem valor moral. Os seus bellos e admiraveis romances historicos, d'uma fidelidade tão irreprehensivel e d'uma grandeza quasi epica, geraram uma infinidade de trabalhos d'este genero, em que a historia deturpada nos era apresentada em quadros descoloridos e banaes.

A vernaculidade e a perfeição da lingua-gem de Castilho, quantos escriptos arrebicados e pretenciosamente castiços originaram, em que não havia ideias, e só se encontrava uma serie de locuções trabalhosas, e de archaismos de mau gosto!

Os *escriptores de Panurgio* não são de hoje: são cousa antiga *n'este jardim á beira mar plantado.*

* * *

Mas o sr. Chagas não se limitou no seu brilhante folhetim a comparar os novos litteratos aos carneiros do heroe de Rabelais. Fez mais: — accusou-os de incoherentes e então não só a elles, mas aos que elles seguem. E esta incoherencia encontra-a o sr. Chagas nas censuras acres com que elles fulminam o

romantismo, como immoral e dissolvente, perfilhando e louvando ao mesmo passo o *realismo* que o sr. Chagas considera mais devasso e corruptor do que aquelle.

Para demonstrar esta sua affirmativa, um tanto ousada pelo menos, o illustre critico cita algumas scenas d'alguns romances realistas comparando-as com outras de novellas romanticas, e conclue pela superioridade moral d'estas. O sr. Chagas personificando a escola realista em Emilio Zola chama a este romancista, n'um *clan* de nobre indignação, — o *grande corruptor*. E tenta provar a sua phrase sonora mas injusta, com umas allusões a uma scena d'um romance do grande escriptor francez.

Uma unica scena d'um unico romance, dos nove que já hoje constituem a *historia natural e social dos Rougon-Macquart!* Não é muito, sr. Chagas; e, sobretudo, não é d'uma grande lealdade de argumentação e d'um largo alcance critico.

Olhe o sr. Chagas que o Achilles tambem teve o maldito calcanhar . . .

*
*
*

É um facto notavel! Em Portugal ninguem

publica um estudo completo sobre a moderna evolução litteraria no sentido da orientação realista; ninguem analysa as obras celebres dos notaveis escriptores d'esta escola; ninguem sequer aprecia com amplitude e com elevação de criterio os trabalhos nacionaes que se filiam n'esta corrente esthetica. Ninguem! a um livro de Zola, de Daudet ou de Flaubert a austera e sisuda critica portugueza dá por unico commentario as traducções mascavadas das *boutades* humoristicas do *Figaro* e do *Gaulois* — dois moralissimos jornaes parisienses que se insurgem contra as demasiadas nudezas da escola realista, e que são ao mesmo tempo o repositorio de todas as anedoctas gaiatas, de todos os equivocos obscenos, e de todos os *qui-pro-quos* indecentes, que a imaginação da parte *boulevardière* de Paris — o *crévetismo* e as *cocottes* — é capaz de produzir.

A uma obra de Eça de Queiroz ou de Bento Moreno a mencionada e sempre veneranda critica nacional responde com o mais inviolavel silencio.

De vez em quando, porém, surge um critico no *rez-de-chaussée* d'algum jornal, e entre duas phrases espirituosas, ligeiras, escriptas ao correr da penna e em completo *sans*

façon, declara *in limine* essa escola — *uma devassa*, e os seus sustentáculos — *grandes corruptores*. Isto dil-o de passagem, meio a rir, fecha o folhetim com uma anedocta chistosa, — e eis ahí como em Portugal se discutem as mais elevadas questões d'arte!

Francamente, sentimos ver o sr. Chagas, que tem talento para mais, enfileirar-se n'esta cohorte de criticos baratos. S. ex.^a póde atacar com seriedade uma escola com cujos principios não concorda; póde analysar com consciencia obras que reputa más; póde discutir com elevação theorias que considera perniciosas; pode ser um critico, com um mau ponto de vista, mas ao menos com um ponto de vista, e com o valor d'uma affirmação definida, clara e explicita.

O que s. ex.^a não póde fazer — porque é faltar ao que deve ao seu talento — é vir para a imprensa, e condimentar para uso dos leitores das *terras de Santa Cruz*, meia duzia de phrases levianas em que superficialmente se trate das theorias, dos principios, e das ideias que constituem o objecto da lucta do espirito contemporaneo, e sobretudo trazer para esta discussão séria e grave, affirmativas inexactas e arguições injustas e que se não provam.

E o sr. Chagas, no seu folhetim, foi injusto e foi banal. Vamos demonstrar-lho, em que peze a sincera admiração que temos pela sua lucida intelligencia e pelo seu bello character.

* * *

O *realismo* não é uma simples mania litteraria d'alguns cerebros desvairados. O *realismo* é uma manifestação logica do espirito das sociedades de hoje.

O romance, como qualquer fôrma da arte, não é um mero capricho d'uma imaginação fecunda. As ideias dominantes d'uma dada época, a sua philosophia, a sua constituição social, o seu modo de ser particular influem fatal e necessariamente em toda a producção litteraria. E, mais que em todas, nas obras que se têm publicado nas differentes phases d'este seculo, se accentua este phenomeno.

O *romantismo* caiu com a metaphysica. A novella romantica era coeva da especulação supra-sensivel. A analyse meramente psychologica das luctas, das tempestades, dos acontecimentos humanos só podia coexistir com um regimen intellectual que se esterilisava

em abstracções illusorias e em nebulosidades facticias. Morta a metaphysica, o romantismo morreu. A nova philosophia havia de corresponder uma arte nova. Isto é indiscutivel.

Augusto Comte relegando para uma zona defeza, em que mais tarde Herbert Spencer pôz o rotulo sensatissimo de *incognescivel*, todas as especulações infructiferas em que o espirito humano debalde se cansava n'um frustrado trabalho de seculos, e determinando que o verdadeiro methodo de saber e investigar, era a experiencia e a observação, não fez só uma profunda revolução na esphera philosophica e scientifica, necessariamente modificou tambem a orientação esthetica do espirito moderno.

Dado este estado necessario dos espiritos e accentuada a corrente *positivista*, o *realismo* appareceu. A observação psychologica foi auxiliada e em grande parte substituida pelos subsidios que a physiologia ministra para o estudo completo dos caracteres das acções humanas. A phantasia esbraseada que transformava a verdade dos factos como elles eram, para nos dar quadros d'um falso mundo de chimeras e de illusões, foi posta de parte para dar logar á rigorosa observação dos phenomenos sociologicos, e á nitida e fiel

exposição d'elles, taes e quaes se dão na realidade.

Isto é o *realismo* na sua origem. Vejâmos como elle tem desempenhado o seu papel.

* * *

A grande arguição que os escriptores *realistas* têm soffrido, é a da immoralidade. Vindo elles substituir, por condemnaveis, os *romanticos*, que com falsos e deleterios aspectos da vida deslumbravam e pervertiam as imaginações fracas e esterilisas muitas energias aproveitaveis quando devidamente estimuladas, os seus adversarios accusam-nos de ter produzido obras mais immoraes e mais corruptoras dos que as dos seus antecessores.

Eis-nos de novo a contas com o sr. Chagas, que já agora — e ainda mal — personificará aqui para nós esses criticos.

O processo que estes geralmente seguem no seu ataque é aquelle a que soccorreu no seu folhetim o sr. Chagas. O mesmo fez mr. Pinard, advogado imperial, quando teve de accusar perante o tribunal correccional de Paris, como immoral e irrelegiosa a explen-

dida obra de Flaubert, esse primor incomparavel que se chama — *Madame Bovary*.

Oh! mas que replica soffreu o pobre sr. Pinard! Que derrota tão monumental a que lhe inflingiu o magistral discurso do advogado de Flaubert, M.^e Sénard.

Quizeramos reproduzir esta replica admiravel, que esmagava o folhetim do sr. Chagas como pulverisou a accusação do advogado imperial, porque os argumentos do critico de Lisboa são alguns completamente identicos aos do mr. Pinard. Mas não podemos: a extensão d'aquella *plaidoirie* não lhe dá cabimento n'estas paginas. Demais nós queremos responder particularmente a certos periodos do sr. Chagas.

O illustre escriptor accusa Zola de grande corruptor e cita uma scena da *Curée*. Em primeiro logar a *Curée* não se resume na scena da estufa, em segundo logar a *Curée* faz parte d'uma serie de romances, que no seu conjunto constituem um estudo completo, inexoravel, perfeitissimo d'uma dada época.

Não attender a isto, analysar por fragmentos escolhidos de caso pensado, uma obra tão complexa, negar a auctoridade moral d'um auctor por uma unica passagem (ou por duas ou tres, é o mesmo) d'um unico livro, d'uma

serie d'elles, que se prendem e enlaçam,—é mutilar o pensamento e a significação d'essa obra, é falsear os intuitos d'uma critica desapaixonada e justa, é tornar impossivel que haja nenhum trabalho digno de applauso e de admiração, porque para os meticolosos não ha livro em que se não encontre um trecho que não se excusa completamente á censura.

O alcance moral d'um trabalho não está nos detalhes, está no conjunto, está na impressão geral que elle deixa no espirito de quem o lê.

O que se vê na *Curée* é o typo do argentario sob o segundo imperio, sem escrupulos de especie alguma, não recuando deante dos meios mais ignobeis para manter uma falsa existencia de luxo e de ostentação, e n'este typo e nas aventuras torpes d'elle se symbolisa a facticia prosperidade da França sob aquelle regimen dissolvente que a levou a cair miseravelmente, de todo enervada e prostituida, n'essa eterna vergonha, que na historia se chama — Sedan, e sobre que paira o nome fatal d'esse tragico *farceur* — Napoleão, *le petit*.

E é este um livro immoral, um livro que suggere esta legitima indignação perante

um periodo de tão aviltante decadencia moral e que deixa uma noção tão nitida, tão luminosa, e tão justa dos que era, por dentro aquelle falso esplendor, que tão repentinamente se apagou?

Não, sr. Chagas, por mais que queira aquelle livro não é immoral. Póde ter detalhes coloridos com excessiva crueza. Tem-nos de certo. E' defeito isso, mas defeito secundario. Pierre Petroz, o notavel critico da *Revista de Philosophia Positiva*, tambem censura esses excessos em Zola. Mas affirma muito cordatamente que esses desvarios parciaes não prejudicam o alto pensamento moral que domina superiormente a obra do grande escriptor.

Os desvarios e as aberrações momentaneas d'um alto espirito não podem aniquilar o largo alcance das obras que elle produz. Por este systema de analyse e de critica, nem os *Evangelhos* escapavam á accusação d'immoralidade porque têm passagens com expressões bem cras.

O sr. Chagas, porém, não se limita a con-

signar em absoluto a immoralidade da escola *realista*. Vae mais além. Compara-a com o *romantismo*, e declara-a mais corruptora que este.

Para demonstrar esta sua asserção o sr. Chagas recorre ao mesmo systema que tinha usado para accusar o *realismo*. Cita trechos, scenas isoladas, e compara-os. Não confronta o pensamento moral dos diversos auctores, nem as consequencias sociaes das differentes obras. Mutila-as, desfigura-as, e estabelece juizos com bases tão firmes, que não resistem á mais despreoccupada critica.

Nós não o seguiremos no seu systema. Não estabeleceremos parallellos entre capitulos ou passagens tiradas d'auctores romanticos e realistas. Trataremos de pôr em face uns dos outros os intuitos com que uns e outros escreveram as suas obras mais notaveis, e os effeitos d'essas obras na direcção dos sentimentos e das ideias dos que as lerem.

Temos, por exempo, a *Dama das Camélias* de Alexandre Dumas fils e a *Nana* de E. Zola.

O que é a *Dama das Camélias*, romance que o sr. Chagas deve adorar, pérola inestimavel da litteratura idealista?

É a rehabilitação social da prostituta. Que

impressão deixa no espirito de quem o lê esse drama sentimental? A da sympathia pela mulher perdida, que depois de andar pelos tremedaes do vicio, se vê rodeada de affectos, chegando um pae, um homem serio e honesto, a supplicar d'ella a felicidade d'uma filha virtuosa, e havendo um Armand Duval, que depois de lhe atirar o dinheiro á cara, lhe quer sacrificar a ventura da propria irmã. Todo o trabalho do romancista, todos os artificios da urdidura da sua obra, todo o prestigio do seu estylo, convergem para a idealisação do vulto da *cocotte*, de Margarida Gauthier.

Na *Nana* de Zola, essa cousa horrorosa para o sr. Chagas, o que vemos nós? Vemos toda a vida aparentemente deslumbradora mas no fundo profundamente miseravel da *cocotte*, exposta com rigor e com admiravel severidade; vemol-a nos seus tempos aureos rodeada de devassos mais ou menos agaloados, e a final morrer no quarto d'um hotel, pobre, apenas rodeada de meia duzia de mulheres indifferentes ou malevolas, que acompanham o seu estertor moribundo com um côro de intriguinhas e de reflexões desconsoladoras, e tendo longe, no pateo do hotel, cravando um olhar idiota na janella

alumiada do quarto, o seu velho amante reduzido á miseria, com a intelligencia apagada, e a reputação perdida. Fóra, no *boulevard*, os gritos desvairados da população — à *Berlin* — à *Berlin*, — symbolisam o extremo arranco do corruptor regimen imperial que dissolvera e desmorlisára a França e que ia morrer para sempre n'uma guerra vergonhosa, quazi ao mesmo tempo que expirava *Nana* — um dos podres fructos d'essa dissolução — e se extinguia n'um idiotismo torpe o Conde de Muffat — um alto personagem d'essa côrte devassa.

Que effeito deixa este livro no nosso espirito? A sympathia pela mulher perdida? Não: a repugnancia mais absoluta por essa individualidade desprezível. A curiosidade e o desejo d'essa existencia criminosa do concubinato? Não: o horror d'essas uniões com mulheres que se vendem, e que, trahindo-aos ou amando-nos, nos matam a saude e nos aniquilam a alma. A noção d'uma mal entendida benevolencia sentimentalista e condemnavel, pela prostituta? Não: pelo contrario o convencimento do que ella só por excepção se redime, e que em geral percorre n'um declive fatal todas as escalas mais degradantes do vicio.

E, ao mesmo tempo, que nitida, que justa,

que rigorosa impressão que nos deixa do estado da França n'aquelle periodo, da corrupção d'aquelle Paris, da miseria d'aquella falsa prosperidade, da torpeza enganadora d'aquelles brilhantes esplendores, do lixo, do lodo, das vergonhas, que o deslumbramento dos progressos materiaes e d'umas pompas sensualistas, por algum tempo encobriram.

Nana, assim como o *Assommoir*, e toda a serie dos *Rougon-Macquart*, hão de ficar na historia como fieis e preciosissimos documentos para o estudo do terceiro imperio em França. São mais que romances: são annaes. A's vezes, — no ultimo capitulo de *Nana*, por exemplo, — Zola é um Tacito.

E creia o sr. Pinheiro Chagas o seguinte: ao fechar o volume da *Dama das Camélias* póde alguma mulher romantica invejar os destinos e a vida d'aquella formosa phtysica, a um tempo corrupta e sympathica; mas ao ler a ultima linha da *Nana* não ha mulher nenhuma que deseje a sorte d'aquella desgraçada, cuja vida é uma miseria dourada, e cujo fim é um abandono humilhante.

Podiamos continuar estes confrontos de

romances realistas e novellas romanticas, mas isso alongaria excessivamente este artigo, que já vai talvez um pouco extenso. Podiamos comparar a maneira porque Flaubert encara o adulterio na *Madame Bovary* e a fórma porque o trata Feuillet, o delicado e pudico romancista do *faubourg St. Germain* no *Monsieur de Camors*, e veriamos qual das duas obras é mais immoral, e qual a que produz mais deleterios effeitos na sociedade. E ainda poderiamos provar que todos os romances exaltados de Georges Sand, e o *Antony*, por exemplo, avaliados com um criterio justo e austero, são simplesmente venenosos.

N'uma consciencia juvenil e inexperiente fazem o effeito d'acido prussico: produzem a morte rapida.

* * *

Vamos concluir. Nós não somos uns *realistas* intransigentes. Reprovamos as demasias e os exageros de processo, censuramos os detalhes crús e impudicos, lastimamos as minucias repugnantes e desnecessarias. Mas estes são defeitos de execução que se podem e devem corrigir.

O pensamento, porém, e os intuitos d'esta escola achamol-os muito mais elevados e muito mais justos do que os dos românticos, e, sobretudo, consideramol-os como a manifestação logica e necessari ana esphera esthetica, do estado geral do espirito humano.

* * *

Que nos perdoe o sr. Pinheiro Chagas estas rapidas notas que fazemos ao seu folhetim. Não desmentem ellas o alto conceito que formamos do seu bello talento. O que lhe provam é que para se fazer critica justa é preciso, além de ter talento, ter — razão.

Em Lisboa acontecia uma cousa que em toda a parte acontece. Alguns cidadãos embriagavam-se.

Depois de embriagados os cidadãos tomavam resoluções diversas: uns iam deitar-se a dormir, outros percorriam as ruas estudando

anatomia intestinal nos ventres dos transeuntes.

De longa data vem esta opinião de que a anatomia, comquanto sciencia muito digna de respeito, deve ser de preferencia estudada nos mortos — e não nos vivos: o que os vivos acham muito razoavel e contra o que os mortos não protestam.

Em Lisboa todas as vezes que o Collares arrojava á contemplação dos tecidos anatomicos o espirito de alguns cidadãos, estes haviam por bem estudar os ditos tecidos — em abdomens vivos!

Na verdade este equivoco, repetido e tornado em habito, pedia repressão.

Toda a gente alvitrava de vario modo a tal respeito.

Achavam uns que o melhor era supprimir na nossa industria a navalha e prohibir-lhe a importação.

Achavam outros que o que se devia fazer era instituir o systema preventivo em legislação especial para o fadista, e destruir esta especie pelo desterro, pelo bolo de strychnina, pela bengala de cana da India, pela hospedagem nos caridosos hospitaes portuguezes, etc.

Opinavam terceiros por que os fadistas fossem alistados n'um corpo especial — de

ponta e mola, e mandados como auxiliares para as guerras coloniaes dos nossos fieis alliados.

Outros, emfim, indo ás causas remotas, entendiam que, sendo a navalhada um resultado da embriaguez, o expediente mais seguro era abolir a embriaguez — abolindo o vinho — e dando protecção ao phyloxera. Porque, na verdade, mal por mal, antes o phyloxera do que o fadista: antes o ventre — sem Porto de 1815, do que o ventre — com meio palmo d'aço de Guimarães. *Ceci tuera cela!* gritavam estes ultimós: o phyloxera mata o fadista!

Matemos o fadista!

*
*
*

Emfim um dia appareceu a decisão official!

E todos os olhos se cravam avidamente nas portas do Governo Civil.

Que será?! Que não será?!..

Mata-se o fadista? introduz-se o phyloxera? prohibe-se a navalha? institue-se o batalhão do *Fado*?..

Anciedade geral!!!..

Então o senhor governador civil chama o corpo de policia e diz-lhe terminantemente :

— Senhor corpo de policia : Tabernas fechadas ás dez horas. Restaurantes fechados á uma da noute. Que depois d'estas horas se não beba — nas tabernas e nos restaurantes ! — nem mais um perfido decilitro d'essa terrivel poção que levou Noé ao descuido da *toilette* e leva os fadistas da capital ao extremo cuidado da anatomia das vsiceras intestinaes. E sobre tudo, senhor corpo de policia, sobre tudo (reparem ! reparem !) que em as torres da cidade de Ullysses lançando ás virações nocturnas o toque poetico das *ave-marias* se não ouça na capital nem um simples harpejo de guitarra, nem um leve preludio de piano !

E o senhor governador civil, com o aspecto austero do Cimourdain do *Quatrevingt-treize*, disse á sua policia :

— *Eh ! force à la loi !*

Sómente disse-o em portuguez . . .

*
* *

E' o maior assombro de publica administração que os olhos nossos tem admirado !

Salvè, ó Plinio justo, ó Plinio sabio d'esta provincia do vasto imperio do Trajano D. Luiz de Bragança! Salvè!

E consente que do teu acto governativo, ó excelso pretor, tiremos todas as conclusões que a logica nos permite — e todas as gargalhadas que o ridiculo nos excita.

* * *

Note-se o facto.

Davam-se facadas por causa de embriaguez.

O que se faz?

Suprimem-se as tabernas, onde ha peixe frito! e os *restaurants*, onde ha fiambre e *foie-gras*!

E o vinho? dirá o leitor.

O vinho!? Ora essa! O vinho vende-se até ás 10 horas em qualquer parte. Quem o não póde beber nas tabernas, que se fecham, e nos restaurantes, que se apagam, compra-o até essa hora, leva-o para casa, e embebeda-se lá.

Feito o que, como não são os bebados que são prohibidos mas os *restaurants* e as tabernas, os senhores embriagados vem para a rua

e continuam profundando com a lamina das suas navalhas a barriga de todo o infeliz, que cae na asneira de sair de noute, sem saber manejar como o sr. Bataglia uma peça de artilheria.

De maneira que esta determinação do senhor governador civil de Lisboa auctorisa a que d'aqui a dias o administrador do concelho de Figueiró dos Vinhos ou de Seixo de Gatões, notando que as encrusilhadas são um local provocador do crime — prohiba as encrusilhadas!

Ou então que Portugal e a Hespanha, accordando em que a existencia das fronteiras traz consigo o contrabando, faça abolir as fronteiras — em vez de abolir a alfandega.

O que achamos delicioso — para festejar o centenario de Camões. . .

* * *

Na verdade, senhor governador civil, nós dois, simples redactores dos *Zumbidos*, não nos podemos subtrahir á invencivel necessidade de, perante a ordenação de v. ex.^a, lhe perguntarmos escolasticamente:

— *Quid inde?*

Quid inde, pois, senhor governador civil ?

V. ex.^a fecha os restaurantes e as tabernas para extinguir os fadistas. Mas não sabe v. ex.^a que o fadista não vive só nas tabernas?

Elle vive tambem nos bordéis. Porque não fecha v. ex.^a os bordéis ?

Elle vive tambem nas batotas. Porque não fecha v. ex.^a as batotas ?

Elle vive tambem na praça do Campo de Sant'Anna. Porque não fecha v. ex.^a a praça do Campo de Sant'Anna ?

Elle vive tambem nas cocheiras. Porque não fecha v. ex.^a as cocheiras ?

Sim, excellentissimo senhor, porque o que nos parece justo é que v. ex.^a, querendo extinguir o fadista, use este processo altamente philosophico — prohiba-lhe a existencia dentro do espaço !

Faça-o espirito, se quizer; espirito de vinho, espirito gentil, espirito do outro mundo, espirito de seraphim, como o sr. duque d'Avila, mas não lhe consinta a fôrma corporea, que occupa espaço, e que encontra no espaço abdomens, e que crava nos abdomens *cuchilas* andaluzas. Que o fadista viva, senhor governador civil; mas que viva fôra do espaço !

Para isso, enxote-o v. ex.^a de todos os

cantos, onde elle se aninha, como um tortulho venenoso. Ponha-o fóra das tabernas, sim senhor; mas iambem fóra dos lupanares, das cocheiras, das casas de jogo, das praças de touros, das vielas d'Alfama e de todo o sitio onde o habil Antunes e o não menos habil Ferreira possam dar com tão alto quanto sympatico personagem.

Pôr os fadistas fóra da taberna só, é amon-toal-os nos bordeis e nos seus outros *rendez-vous*.

E na verdade, quanto a estes cavalheiros, o melhor é extinguil-os, ou então espalhal-os. Porque, sr. governador civil, o fadista desde que anda só não é perigoso. Mande v. ex.^a um fadista ali para os bairros commerciaes do Porto, para a Reboleira, para o Caes da Estiva, para Miragaya. A' primeira que elle faça um simples barqueiro despede-lhe na cabeça um murro minhoto, e era uma vez um fadista . . . Mas mande s. ex.^o para lá dez, vinte ou trinta. Então adeus os barqueiros ! Elles fogem, assaltam de combinação a altas horas, em espera bem machinada na sombra dos portaes, ao dobrar uma esquina, e . . . traz, lá vae a *naifa* á falsa fé, pelas costas, no silencio discreto da noute, que d'esta tragedia obscura guarda apenas os passos ligei-

ros do que foge, e a ronqueira extrema do que cãe com a garganta atravessada.

Desde o momento em que v. ex.^a consiga pôr o fadista fóra de todos os locaes que mencionamos, elle tem apenas em Lisboa dois sitios á sua disposição — a rua e o Tejo.

Apparecendo elle na rua o que v. ex.^a deve fazer é mandar applicar-lhe uma descarga pela sua policia, com a auctoridade do dr. Hubert Boëns. Em elle apparecendo no Tejo então sirva-se v. ex.^a fazer atar-lhe ao pescoço um calháu do peso de 80 kilos, lançando ainda á conta do citado medico-criminalista este procedimento, se é que elle repugna á consciencia altamente *liberal* de v. ex.^a

* * *

Depois de assim extincto o fadista então s. ex.^a o senhor governador civil pôde consentir abertas as tabernas e os restaurantes.

E nós, á saida de S. Carlos, poderemos gozar do privilegio concedido pela Carta, mas ora suspenso menos constitucionalmente por v. ex.^a — de comer um *beef* e beber dois

boks — n'um espaço um pouco mais indeterminado do que o que vae da meia noute á uma hora!

Porque, senhor governador civil, de todos os sitios onde o fadista dá navalhadas escolheu v. ex.^a aquelle que eliminado mais prejudica o publico.

Qualquer cidadão honesto passa perfeitamente sem bordeis, porque não tem amantes, mas familia; passa perfeitamente sem batota, porque não joga, mas trabalaa; passa perfeitamente sem touros porque prefere ouvir Borghi-Mamo em S. Carlos a ver o Pae Paulino em Sant'Anna; passa ainda sem as pou-sadas reles onde o fadista pernouta ás vezes na incerteza da sua vagabundagem, porque não tem a honra de o ter no rol das suas visitas, nem mesmo tenciona ser um dia seu companheiro de quarto.

A unica cousa que elle não dispensa é — comer.

Dir-nos-ha v. ex.^a que elle coma em casa.

Mas então, excellentissimo senhor, que o seu punho auctoritario como o d'um pachá supprima os restaurantes e as casas de pasto d'um modo absoluto!

Porque nos sendo permittido pela moral, pelo direito e pelas instituições do paiz o

comer fóra de caza, nós não achamos razão nenhuma para que tal faculdade nos seja consentida até certa hora, e nos seja vedada d'ahi em diante, visto v. ex.^a não nos poder provar que comer uma perdiz á meia noute e tres quartos seja uma virtude, ao passo que comer uma *sandwich* de *foie gras* com Chably depois da uma hora seja um acto digno apenas de Lacenaire ou de João Brandão.

Além do que, sr. governador, nem todos estão em condições de tomar chá em familia, nem todos têm um bom *chef*, prompto a servir-os de *galantine* ou *mayonaise* de mariscos, a qualquer hora da noute.

E para os que estão n'este caso o unico expediente, que lhes vem ao espirito, e que vem ao espirito de todo o mortal em qualquer terra civilisada, que se não chame Lisboa (porque, excellentissimo senhor, Lisboa é uma terra civilisada !...) o unico expediente, dizemos, é de entrar no primeiro *restaurant* que se encontra aberto, e batendo sobre o marmore da meza pedir ao *garçon* a lista para escolher.

*
*
*

Ora, excellentissimo senhor, todos os va-

rios ingredientes, com que se compõe o *ménu* de uma ceia, levam um certo tempo a espetar com o garfo, a metter na bocca, a mastigar e a deglutir. Já não fallamos na digestão, porque essa queremos conceder a v. ex.^a que cada qual a faça *at home* — dado o caso que não prefira antes fazer a indigestão.

Depois a ceia entre gente civilisada tem, além do fim de dar trabalho ao estomago e reparar os tecidos pela circulação, um outro não menos digno e apreciavel — o de excitar o espirito.

A uma meza de caffè tem-se de ordinario mais espirito de que a uma meza de trabalho. Não queremos revelar a v. ex.^a a causa d'este phenomeno, porque poderá v. ex.^a querer chegar á conclusão, aliás perigosa para as lettras e para o Alto Douro, de que o espirito e a borracheira — são uma e a mesma cousa. O que não é perfeitamente verdade.

Mas, voltando ao nosso caso, dizemos nós que v. ex.^a nos concede um limitado espaço de tempo para apprehender o nosso fiambre, para o triturar com os nossos molares, para o engulir, e, para depois d'isto tudo, ainda ter espirito! Uma hora para tanta cousa é pouco! é pouquissimo!

Note v. ex.^a que tremenda responsabilidade lhe cae sobre os hombros :

O Alto-Douro depreciado — e a litteratura sem espirito !

E a posteridade dirá de v. ex.^a :

— Daun foi Phyloxera ! Daun foi Semsaboria !

Que opprobrio, excellentissimo senhor !

* *

Mas temos outro ponto na ordenação de v. ex.^a em que não podemos deixar de tocar.

Trata-se da repressão do terrivel attentado — de tocar a walsa dos *Sinos* depois dos sinos tocarem as *ave-marias*.

E antes de tudo uma leve consideração.

* *

Um de nós vive habitualmente no Portô.

Ora, como o Porto não lhe proporciona ás noutes grandes distracções, elle tem por costume passear até tarde pelas ruas, sósinho. Não discuta v. ex.^a este nosso gosto : é um gosto.

A's vezes n'estas suas divagações noctur-

nas o que escreve estas linhas ouve ao longe a toada indistincta d'um fado, que se repenica. Um grupo de sujeitos pacatos, com as golas dos casacos abafando-lhes as orelhas, marcham alinhados e silenciosos tocando em guitarras e violões o *Anadia* e o *Maggyoli*. Então um agente da segurança publica chega-se ao pé d'estes trovadores de *pardessus* e bengala de cafeeiro, e intima-os a que calem os seus descantes, porque encommodam quem dorme — ás 10 horas da noute. Os intimados agazalham as suas violas com um carinho maternal, e recolhem aos lares.

Mas d'ahi a uma hora, quando elles, prohibidos de desferirem nos seus instrumentos perdilectos os preludios languidamente sensuaes do fado, querem esquecer essa dôr esmagadora no aniquilamento do somno — então, deuses do Olympo! a camara municipal manda os seus carros de limpeza percorrer a cidade, com um ruido de caranguejola capaz de acordar os mortos no dia da ressureição.

E os pobres, erguendo-se estremunhados no leito dos pesadellos, perguntam ao mysterio da noute :

— Que é isto, Santo Deus?! Trovoada?! Revolução?! Cahiria a torre dos Clerigos? Será o sr. Sentieiro que passa?

E então o estrondo redobra; e entre aquelle estampido brutal de ferros velhos ouve-se uma voz que incita:

— Eche! Castanho!

Não é o sr. Sentieiro. E' o carro da limpeza.

* * *

Ora a verdade é que o que escreve estas linhas, que não toca guitarra nem viola, mas que tambem não conduz os carroções da limpeza municipal, prefere mil vezes adormecer á meia noute ao som longiquo d'uma guitarrada, do que accordar ás duas da manhã ao trovejar infernal d'uma carrimonia sem mólãs que passa, abalando as casas como um tremor de terra.

* * *

Esta pequena historia, sr. governador civil, vem aqui para provar a v. ex.^a que, por analogia, o cidadão lisboeta prefere talvez mil vezes ouvir a walsa dos Sinos, do que ouvir os sinos badalando uma noute inteira nas occasiões de fogo.

E não consta que v. ex.^a prohibisse os toques de incendio, brutalidade que só se encontra em Portugal — e nos Algarves.

O toque de incendios é uma fonte extraordinaria de bronchites, de pleurizias, de pneumonias, de rheumatismos, de congestões que dezimam sem necessidade o povo, cuja capital e respectivo districto v. ex.^a está incumbido de dirigir civilmente.

Em tocando a fogo toda a gente deixa a cama para accudir ao local do sinistro, como dizem os jornaes. A população segue em *robe de chambre* e chinellas, em gabão e *bonet* de seda pelas ruas fóra, não movida do sentimento altruista do auxilio humanitario, mas do mero egoismo da curiosidade.

E n'este momento quantas constipações de todas as especies não levam á sepultura os cidadãos incautos?

Sr. governador civil : prohiba os toques de fogo, e obtenha que a camara substitua o serviço das torres pelo serviço mais rapido e certo d'uma communição telegraphica entre as differentes estações de incendio : mas deixe o pobre piano, e deixe a guitarra meridional desferirem nos silencios estrellados das nossas bellas noutes peninsulares, algumas notas um pouco mais humanas do que o latido dos

cães vadios, o canto dos gallos habitantes dos saguões, e o pio das corujas moradoras nas igrejas da capital.



Em summa o que nós deprehendemos da ordenação policial, que vamos analysando, é que o sr. governador civil de Lisboa quer tornar celebre a sua cidade — transformando-a em Palmyra.

Apostamos as nossas cabeças se alguem, transitando agora na capital, passada a meia noite, depois das ordenações do sr. Daun e Lorena, é capaz de nos dizer se está na cidade de Ulysses ou na cidade de Salomão — se está na Lysbia dos lusitanos, se na Tadmor dos arabes.

E' claro que nós não arriscamos os nossos pescoços senão com esta condição implicita : a de o transeunte ter os olhos e o nariz tapados. Só lhe será permittido ouvir. Ver e cheirar de modo nenhum. D'esta fôrma todo o mundo reconheceria pelo arco da rua Augusta que não estava em Palmyra, e pelo cheiro do Atterro que se achava em Lisboa.

Se esta é a ideia de v. ex.^a, sr. governador civil, os nossos applausos! Não suppunhamos em v. ex.^a tão fundos intuitos artisticos!...

Mas então, sr. Rosa Araujo, de que nos serve a avenida da Liberdade?!

Para que querem v. ex.^{as} *boulevards* com os seus largos passeios, com a sua brilhante illumination, com os seus elegantes *kiosques* dos jornaes, com as *montres* d'um só vidro de crystal dos fornecedores á moda, com as pequenas mezas dos *restaurants* ao ar livre, com a multidão, com as *cocottes*, com o *brouhaha*, com a alegria, com a vida, com a embriaguez do movimento, da elegancia, do luxo, da sensualidade fina?!

Para que, meus senhores?!

Para ás dez horas os restaurantes fecharem, para os cafés apagarem o gaz, para as *vitruines* correrem os taipaes, para a multidão ir tomar chá em familia?!

Ora, então, deixem-se d'isso! não façam avenidas, façam beccos: não façam *boulevards* façam Pote das Almas.

Vão para casa : comam torradas e tomem chá preto. Por nossa causa não se afflijam. Quando o nosso estomago reclamar *champagne Clicot e dinde aux truffes*, nós iremos cear ali adiante — ao novo *restaurant du Helder*, uma esplendida reconstituição artistica dos *cabarets* aristocraticos da Renascença, que se abriu ha pouco, no dia 20 d'abril, em Paris.

Acabas de ver, leitor amigo, o que o sr. governador civil de Lisboa, deliberou fazer para evitar que os ventres dos lisboetas fossem, em plenas ruas da capital, surprehendidos ás esquinas pelo golpe obliquo e covarde d'uma navalha fadista.

S. ex.^a teve a seguinte ideia luminosa : não quiz de repente tirar o grato prazer aos senhores fadistas, de terem de noite ventres burguezes para furar ; não, elle não era capaz d'uma tão violenta medida ; e então que fez ? — determinou que nenhum dos alludidos abdomens podesse, depois da uma hora da noite, trazer dentro nem um resquicio de *roast-beef* nem uma migalha de pão.

D'aqui por diante, pois, — aviso aos senhores fadistas — só terão para recreio das suas naifas — ventres vazios.

Para castigo não é mau. Tem apenas o inconveniente de punir talvez os ventres — em vez de castigar as facas de ponta e mola. E d'ahi, póde ser que fossem aquelles que viessem espetar-se voluntariamente n'estas. Quem sabe o que se passa em Lisboa, em qualquer rua da baixa, quando os habitantes dormem, e os policias os imitam por não terem creadas que namorar ? *Mysterio insondavel !*

* *

A ordem tão profundamente burlesca do sr. governador civil de Lisboa — um personagem que merece duas linhas especiaes, que ao diante lhe consagraremos — foi particularmente motivada por um facto triste e lamentavel que ha pouco se deu, perto das onze horas da noite, n'uma das ruas da capital.

Em plena cidade baixa, n'um sitio frequentado e central, um grupo de fadistas travou briga valente com uma *troupe* de marialvas, e d'esta lucta resultou ficar um d'estes ultimos, um rapaz de 20 annos, ferido com uma

navalhada atravessada, calculada, à hespanhola, que lhe cortou os intestinos, e que pouco depois lhe produziu a morte.

Os tres marialvas vinham das hortas e iam para a espera dos touros. Os operarios vinham da taberna e iam não sei para onde. Isto entre as 10 e as 11.

No deserto da rua Augusta occorreu o conflicto e ali se deu o desfecho lastimavel d'elle.

*
* *

Eis ahí singelamente narrado o acontecimento desgraçado que tanto comoveu Lisboa, e que levou o sr. Daun e Lorena a vibrar ao devasso meio - biffe de depois da uma hora, a interdicção fulminante contida no seu edital.

Ora não é positivamente pelo meio - biffe que o leitor pergunta ao ouvir a narrativa d'este crime. Sim : não é seguramente o fiambre que lhe lembra n'essa occasião. Não é por certo o nome da *galantine* que o seu espirito lhe suggere.

O leitor talvez o que lhe acuda aos labios

é esta simples interrogação admirada : — e a policia ?!

Oh! é que o leitor é como nós : tem perguntas irritantemente disparatadas. Que tem a policia que ver com esse caso tragico das navalhadas, em plena cidade baixa, ás onze horas da noute? A policia não é para isso que serve. A policia inventou-se para recreio lascivo das sopeiras sentimentaes. A policia creou-se para ir em magotes para S. Carlos ouvir o canto profundamente genial da Borghi Mamó e a voz portentosa de Tamaguo. A policia tem uma verba no orçamento para dar cosmetico nos mavorcios bigodes a fim de seduzir as creadas bonitas. De resto, quando a policia prende alguém é por extraordinario, e só temos a louval-a pela sua espontanea e voluntaria dedicação.

Ah! é verdade : esquecia-nos dizer que a policia de vez em quando dá um assalto ás batotas — para roubar os jogadores. Não lhe chamem, porém, ladra : ella só rouba — quando vem ao Tejo alguma esquadra ingleza.

Ahi tens, bom leitor, o que é a policia por-

lugueza. Tu talvez imaginasses que ella era alguma cousa parecida com o *policeman* inglez, com o *sergent de ville* francez, com o *carabiniere* hespanhol. Quanto te illudias, leitor ingenuo. A nossa policia é outra cousa. Não cuida de manter a ordem: occupa-se em seduzir cosinheiras anafadas. Não trata de evitar os roubos: patrica-os ella de quando em quando, com estrondo. Não vigia os fadistas, nem lhes evita os maleficios: deixa-os dar navalhadas, — e vae para as reuniões dos monte-pios votar placidamente as suas corporações gerentes—como se deu na noite do caso Salles Ribeiro.

Este infeliz, depois de ferido, arrastou-se de loja em loja, repellido pelo egoismo brutal d'aquelles burguezes descaridosos. Rojou-se pelas lages dos passeios, e deixou um sulco de sangue d'um ao outro lado da rua. Os fadistas dispersaram tranquillamente. Os outros dois marialvãs desappareceram. E o desgraçado continuava a ter uma hemorragia terrivel, a alagar de sangue a rua, e ia morrendo lentamente—em quanto os senhores policias, segundo revelaram os jornaes, tratavam das eleições do monte-pio de S. José.

Isto seria enormemente grotesco, se não fosse escandalosamente immoral. Porque a

verdade é que para a morte do pobre mancobo cooperaram os policias e os fadistas : — estes ferindo-o com a navalha, aquelles matando-o com o abandono.

Não sei quaes são mais criminosos. O que sei é que ao menos os fadistas não recebem estipendio do estado. São faccinoras por sua conta. Os policias são assassinos remunerados officialmente pelo paiz.

Em face d'isto o senhor governador civil de Lisboa mandou fechar todos os *restaurants* e cafés á 1 hora da noute — para assim evitar que de futuro se repitam analogos conflictos ás 11 horas ! Até á 1 hora podem beber — mas depois venham com a sua embriaguez para a rua, não a abriguem detraz das portas dos botequins. E' incontestavelmente esta, uma excellente medida de segurança.

Quanto á policia nada disse o sr. Daun e Lorena. Ella que continue a votar nos montepios e a desinquietar as creadas — que o sr. Daun e Lorena vela pelo socego de Lisboa estando de guarda ás bacchanaes lisboenses — de bifes sombrios e Cartaxo.

Francamente, este sr. Daun e Lorena —

aliás segundo cremos, uma excellente pessoa — é um liberal um tanto avariado, ou, talvez antes, um absolutista mais bem conservado, do que quer inculcar. Não se perdem facilmente os defeitos de educação: e o sr. Daun é pela origem, pela raça e pelo temperamento um miguelista.

O seu *ukase* terrível contra as orgias lisboetas depois da 1 hora apenas prova um certo prurido de trazer de novo à tela da discussão o nome do celeberrimo intendente Pina Manique. De resto, elle só pode manifestar desejos de desaccreditar o systema que nos rege — mostrando que elle nem sequer nos mantem, para os nossos ventres pacatos e constitucionaes, — a liberdade do meio biffe e a isenção da navalhada.

O que é certo é que a *Nação* applaudiu o seu antigo correligionario. Elles lá se entendem.

Em conclusão: se o governo quer tolerar este governador civil, e o governador civil quer consentir esta policia, nós exigimos em nome da moralidade que o paiz não dê ordenados a uma cafila de bandidos, que, pagos pelo povo, servem apenas para matar covardamente, pelo mais repugnaute abandono e pelo mais criminoso desleixo, os cidadãos que as

navalhas fadistas prostram, feridos, nas raias
concorridas ruas da capital.

Meus senhores : o seculo XVI teve Camões :
o seculo XIX tem o dr. João Felix !

Não confundam, meus senhores ; o poeta
dos *Lusiadas* não é o prosador dos ditos.
Suum cuique tribuere... A gloria a quem
cabe. Se Camões imaginou um poema, João
Felix põe-no em prosa, em vulgata, em lin-
guagem corrente. Elle divulga-o, apostoli-
sa-o; vae democratisal-o pondo-o ao alcance do
cidadão-eleitor. Graças a elle poderemos de
hoje para o futuro admirar o genio de Camões
livre das peias ignobcis do metro e da rima,
como lhes chama Rosalino Candido, o pae
immortal da poesia, solta... em syllabas e
toantes.

João Felix ! os que te vão ler te saúdam !

* * *

Mas, por quem é, não nos demore mais as
suas prosas !

Nós estamos anciosos por as devorar!

Porque o senhor deve saber que os genios não andam por ahí aos encontrões. A França rouba-nos Correia Leite, e sabe Deus se será por muito tempo que a *humanidade da nossa patria* tem de gozar dos incomparaveis beneficios narcoticos dos opusculos de Jayme José Ribeiro de Carvalho, o Aristoteles Ajudense!

Não espere pelo Centenario.

Dê-nos os *Novos Lusíadas* quanto antes, Felix!

Nós temos uns projectos extraordinarios a seu respeito: queremos tornal-o immortal, queremos mandal-o á gloria—sobrescriptado, lacrado, estampilhado e carimbado.

O senhor não póde ficar assim sem um Centenario.

Bem sabemos: a sua modestia... Mas não! não será só o verso que triumphe!...

Passem-nos d'ahi uma corôa de louro para as prosas de João Felix!...

E, se não o escandalisamos com isto, amigo doutor, aqui se lhe revela em segredo a apothese que lhe está preparada para o seu grande dia.

PROGRAMMA DOS FESTEJOS DO CENTENARIO

DO GRANDE ÉPICO EM PROSA

O Dr. João Felix Pereira

PRIMEIRA PARTE

(PREPARATORIA)

1) Conferencia em que seja explicada ao publico qual a composição chimica do épico João Felix.

2) Conferencia em que se prove as correlações intimas que ha entre um ovo vasio e o craneo do épico prosador.

3) Conferencia em que se faça a critica do livro da *Civildade* provando com dados irrecusaveis e factos incontrovertidos que nem Homero, nem Eurico, o presbytero, são os auctores de tão monumental trabalho, como alguns pretendem, mas que elle é exclusivamente devido á penna de *pato* do épico engenheiro agronomo.

4) Conferencia em que se discuta a importancia cosmica dos *Novos Lusíadas*, e em que se prove que elles têm a sua causa remota nos anneis de Saturno, e que darão em resultado na sociedade a descoberta do movimento continuo e a da quadratura do circulo.

SEGUNDA PARTE

(FESTIVAL)

1) O dr. João Felix será passeado triumphalmente pelo paiz. Elle irá n'um grande carro de victoria, sentado em cima d'uma abobora menina — symbolo da sua dignidade agronomica, segurando na dextra o instrumento official dos medicos de Molière — symbolo da sua dignidade clinica, e na esquerda, amarrados por uma corda, varios exemplares dos seus trabalhos litterarios e scientificos — symbolo da sua dignidade de professor. Puchará a este carro triumphal todo o corpo do professorado primario portuguez, e seguil-o-ha em marcha solemne uma récua de jumentos sem albarda.

2) Quando o cortejo chegar a Coimbra o

épico-esculapio irá á fonte dos Amores ler o primoroso trecho da sua epopea, que começa: — *Ó Ignez, e quando tu estavas ali, muito fresca da tua vida a colher laranjas e tangerinas, n'aquelle dóce pagóde da madracice, que os trabalhos da sacha te não deixavam gozar por muito tempo, e depois te safavas para es campos do sr. Miguel Osorio, cantando a CANINHA VERDE entre aservas da nova camada, e olhando para o Pio e para a Ladeia do Seminario!... Hein?!...*

3) A' sua volta a Lisboa ha de construir-se o grande Pantheon da Instrucção Publica Portugueza, e o épico engenheiro-civil será collocado no cimo do frontão central, com a adjudicação d'um guarda-chuva para os dias de tempestade.

4) *Ó Antonio Maria* compromette-se a fazer uma edição dos *Novos Lusíadas*, illustrada, e com trechos explicativos.

Veja, João Felix, veja o que a patria lhe prepara!

Veja.

Dê-nos os *Novos Lusíadas*, e nós damos-lhe logo a immortalidade.

E o sr. Thomaz Ribeiro terá desmentido o seu verso :

Votar a gloria em vida é raro em Portugal !

Mas pôde orgulhar-se, João Felix, que isto de *gloria em vida* não é cousa ahi para todo o bicho-careta !...

Em quanto João Felix, o professor, publica Camões em prosa, os seus discipulos, estudantes nas escolas de Lisboa, resolvem sabiamente o seguinte : —

Para festejar o tricentenario do grande épico abrem no primeiro de maio um concurso, que se fecha no dia 12 de junho, para a apresentação dos estudos sobre Camões, sendo o que fôr julgado melhor publicado pelos referidos estudantes.

Esta commomoração dos discipulos que foram de Felix, achamol-a digna do mestre.

Um mez e doze dias para estudar a individualidade do autor dos *Lusíadas*, parece-nos excessivo.

Por isso propomos um alvitre : reduzam o prazo a uma tarde, e façam o estudo n'uma merenda nas hortas d'Arroyos.

E' mais pittoresco, pelo menos.

Os inqueritos ! Tambem vamos fallar nos inqueritos. Os *Zumbidos* não deixarão fugir este ensejo de gritar ainda uma vez ao paiz e ao jornalismo politico :

— Aqui do senso-commum !

* * *

Com effeito a politica está-nos dando espectaculos patuscos.

As nossas sessões parlamentares são o puro theatro dos manos Dallot. O sr. Tavares Crespo recita poesias comicas, o sr. Arrobras faz o elogio carnavalesco da albarda, e o sr. Barros Gomes muda de barbas e caracterisação em cada scena.

As cousas estão de tal fórma que não tardará muito a ver-se pelas esquinas — a pãr

dos cartazes de S. Carlos e Sant'Anna — os d'este terceiro theatro e santo — S. Bento.

Venham elles! nós não queremos perder o beneficio do sr. Antonio Candido — o Tamagno da companhia . . . Avisem-nos! Façam cartazes berrantes, com letras esguias e vermelhas, que se vejam bem.

Nós temos para esse dia finas luvas cõr de perola, temos as nossas casacas correctas, os nossos nitidos lenços brancos; temos o *bravo* entusiastico, as palmas estrepitosas, o *bouquet* de lilazes com fitas de seda bordada . . . : temos tudo isto — e ainda outra cousa, uma verdadeira surpresa, que por ora só se diz em segredo, em familia, confidencialmente — temos poesia tambem! . . .



Depois da grande magica da questão eleitoral, dá-nos a camara o entre-acto dos inqueritos.

A historia dos inqueritos tem esta profunda philosophia:

— As nossas finanças estão n'um estado lastimoso: temos a escripturação em menos ordem do que um negociante fallido. O paiz

muda de caixeiro, porque o que estava declarava que não lhe serve a casa. Vem um novo. «Como encontra você a escripturação? diz-lhe o paiz — Mal, muito mal! — Então o seu antecessor roubou-me? — Roubal-o?! Ora essa! Quem falla em tal? Nem lhe passê isso pela cabeça; olhe que vae desacreditar o pobre rapaz. Honradez . . . até ali! — Bem: mas os negocios . . . — Isso é que está o diabo . . . — Então dê-se a isto uma volta definitiva: escusa-se de perder tempo com averiguações — Nada, vamos a ver, homem. Isto é serio. O outro não tocou em cousa nenhuma, está claro! Que aquillo é a fidelidade em pessoa . . . Mas emfim sempre é bom ver o que elle por lá fez. Que eu já o digo: hão de correr o mundo com um prego acceso que o não encontram mais serio e honesto.» —

E fazem-se os inqueritos — para que, Pae do Ceu!? — para se provar a innocencia d'aquelles de quem ninguem duvida! . . .

Pasmoso!

É como se para nos convencermos da prohibidade d'um cidadão exemplarmente digno e honrado, a respeito de cuja consciencia nos prestamos a jurar nos Evangelhos, nós nos lembrassemos de o fazer processar — para ficarmos certos de que elle não é o auctor

dos crimes practicados por José do Telhado ou pelo heroe do Arco de Campolide!

Mais logica — só no compendio de mestre Alves de Sousa!

* * *

Os inqueritos ás secretarias vêm-nos revelar o apodrecimento, a cária, a gangrena interna do nosso constitucionalismo.

Porque das duas, uma :

Ou effectivamente ha uma desconfiança reciproca dos partidos uns para com os outros, ácerca da probidade e honra de cada um, e n'este caso o estado moral da nossa politica baixou ao nivel mais degradante a que póde ir dar um systema governativo — o descredito mutuo das facções :

Ou tal desconfiança não existe, e sob a sua apparencia se dissimula um mesquinho espirito de intriga, uma perfida aleivosia de mexericos, uma traição calumniosa de invejosos, e então a nossa politica vem desmascarar-se perante o paiz, e vem-nos dizer sem o menor vislumbre de vergonha: No fim de contas, ingenuos que sois, o que eu quero é empurrar uns, para metter os outros! . . .

Escolham agora suas excellencias qual d'estas conclusões lhes serve . . .

Os senhores ou desconfiam, ou fingem que desconfiam.

No primeiro caso — dissolução ; porque nunca se poderão unir na prespectiva de crises graves.

No segundo caso — dissolução ; porque se intrigam e pretendem inimizar-se.

De maneira que, por cá ou por lá, os senhores com os seus inqueritos vêem-nos provar á evidencia que a caranguejola está aqui está em terra.

A democracia que lhes agradeça.

* * *

Mas o que é verdade é que os senhores perdem o seu tempo em queimar esse fogo de vistas, com que ninguem se importa.

Toda a gente os percebe.

O *Zé-Povinho* vae-se rindo, assim como quem diz lá com os seus botões :

— Olha os gajos ! . . . O que vocês querem sei eu. Não me engrolam, não . . . —

E apostamos em como S. M. El-Rei tem

dito mais de uma vez, á noute, em familia, tomando o seu chá, e comendo a sua torrada:

— No fim de contas estes sujeitos divertem-me. Ó menino (*para um dos principes*) passa-me d'ahi o *Flos regateirorum*. —

E Sua Alteza dá-lhe o *Diario das Camaras* . . .

* * *

É por reconhecermos o estado de abatimento moral dos nossos governos, é por reconhecermos a sua indiferença pelo sagrado direito da dignidade e do respeito publico, que nós achamos sem valor pratico os inqueritos ás secretarias do estado.

Se ha ou se não ha escandalos nunca se ha de saber. Porque, creiam-no os senhores progressistas, o que ningeum de bom senso acredita é que as irregularidades da administração financeira sejam um exclusivo do partido regenerador. E n'este caso quem está ahí que possa atirar a primeira pedra?

Os senhores, como já lhes dissemos, desconfiam uns dos outros: ou se não desconfiam — e esta hypothese é mais baixa — tratam de fazer com que o publico desconfie.

Aqui têm o alto ponto de vista *scientifico* da sua politica : desacreditarem-se!

Andem lá, mas cuidado com os sensatos vaticínios do povo. Lembram-se d'aquelle proverbio : *Ralham as comadres?*...

Pois então, prudencia !...



Ora se isto de inqueritos é uma mania, façam-nos, mas façam-nos n'alguma cousa de aproveitavel.

Ha muito que inquerir nas secretarias de estado sem ser subtrações pecuniarias.

Nós queixamo-nos, por exemplo, de que a nossa industria se definha. Porque não manda o ministerio *inquirir* o modo como os governos constitucionaes têm mostrado comprehender, pelas suas leis e pela sua administração, este importante phenomeno social — a industria ?

Diz-se por ahi á bôcca cheia que as nossas colonias nos são onerosas em vez de concorrerem para a prosperidade da metropole. Porque não trata o sr. Marquez de Sabugoza de *inquirir* quaes as causas administrativas, legais e politicas, originadas pela acção governativa dos ministros, que o precederam na

pasta dos negocios ultramarinos, ás quaes possamos attribuir este desgraçado abatimento do nosso imperio colonial?

Grita por ahi todo o mundo que o constitucionalismo portuguez tem emaranhado por ta! fórma o acto eleitoral á organização bureaucratia, que as camaras electivas nunca poderão ser a expressão fiel da vontade do paiz, mas sim a da vontade ministerial. Ahi tem o sr. José Luciano um intrincado escandalo para fazer *inqueritos*.

Quer o sr. Barros Gomes ir á immortalidade, depois de ter ido á Turquia? Trate s. ex.^a de *inquirir* todas as fontes de receita exploradas e inexploradas do paiz: compense aquellas que têm uma exploração exagerada, augmentando a exploração d'outras, que estão quasi desoneradas de imposto. *Inquirá* s. ex.^a as razões que fazem com que o *deficit* e S. M. El-Rei engordam sempre, e o erario e o sr. Braamcamp abatem sem cessar. *Inquirá* s. ex.^a as causas que produzem o retrahimento do capital nas explorações agricolas e manufactureiras ao passo que elle apparece de sobra nas explorações bancarias. Só n'isto tem o senhor ministro de fazenda *inqueritos* para a sua mocidade.

Inquirá tambem o sr. Adriano Machado

quaes os motivos administrativos, que fazem com que os parochos e os conegos augmentam e a moralidade religiosa diminue.

Inquiram isto tudo, e o resto, que não lhe expomos aqui, porque os senhores não nos pagam nada pelo nosso trabalho de os fazermos grandes, e verão que resultados extraordinarios o partido progressista vae tirar d'estes novos inqueritos.

Em vez da intriga mesquinha e reles d uns inqueritos nominaes e phantasmagoricos, de que o publico não faz caso e com que o partido regenerador se não incommoda, os senhores progressistas darão ao paiz um *compte rendu* severo e preciso do seu estado politico, economico e moral, e provarão definitivamente que o poder lhes pertence, com exclusão de todos os outros partidos, por serem o unico verdadeiro e o unico activo — e portanto o unico capaz de pôr em marcha harmonica e proveitosa as energias adormecidas d'este pobre Portugal.

Quando os senhores se resolverem a este procedimento, dêem-nos parte.

Palavra d'honra que estamos resolvidos, se tal succeder, a compôr assim a capa d'estes nossos livros: — *Zumbidos — chronica mensal e granjola!*

Vae em Portugal uma louvavel actividade para se festejar no dia 10 de junho com ruidosas e brilhantes manifestações o tricentenario de Camões. — a personalidade mais nobre mais caracteristica, e mais gloriosa da nossa patria. Porfiam todas as classes em render o preito das suas homenagens á memoria do grande épico, contribuindo para tornar mais solemne e mais imponente esta commemoração profundamente humana e altamente civilisadora.

Consagraremos largo espaço no nosso proximo numero a esta animadora prova da vitalidade nacional, mas não queremos deixar de narrar-te quanto antes, leitor amigo, uma peripécia curiosa e lamentavel a que deram já logar estas festas tão sympathicas, tão justas, e tão elevadamente significativas.

*
* *

Os estudantes da Universidade de Coimbra

não podiam nem deviam conservar-se estranhos a este nobre movimento patriótico que anima todo o paiz. Camões symbolisa o genio portuguez no nosso periodo mais glorioso, e a ninguem cabia mais directamente o dever e a honra de lhe celebrar a memoria e solemnizar os talentos do que á entusiasta mocidade academica. De resto, Camões tambem fôra estudante da Universidade, e assim á tradição immorredoura do grande épico, que a todos pertence, e que é gloria commum dos portuguezes todos, accrescia uma especial relação de remota camaradagem, que ennobrecia e glorificava a actual geração academica, e que a esta pertencia particularmente commemorar.

N'este proposito, os estudantes reuniram-se e deliberaram delegar n'uma commissão executiva o encargo de formular o programma das festas, que a academia se propunha realisar.

Essa commissão resolveu: levantar um monumento na Alameda da Universidade, dando-se a esta, d'ora em deante, o nome de Camões; inaugurar um retrato do grande épico no gabinete de leitura do club academico; realizar conferencias sobre a vida do poeta e a sua obra; e, finalmente, além

d'outras cousas, ir em romagem, n'um cortejo solemne, em que seriam convidados a incorporar-se o corpo docente, as auctoridades civis e militares, a camara municipal e o povo de Coimbra e arredores, á fonte dos Amores, da quinta das Lagrimas,—como o local a que se prendem mais, n'esta cidade, pela tradiçãõ e pela lenda, o nome de Camões e o do seu poema — depôr uma corõa de rosas sobre uma lapide ali mandada collocar, e que ficasse commemorando esta manifestaçãõ.

Esta ultima parte de programma era propriamente o elemento popular d'elle, associando com a academia, n'uma ruidosa homenagem a Camões, as populações não só da cidade mas dos sitios visinhos, e era a que tinha um cunho mais singelamente poetico e pittoresco. Era nos campos do Mondego, e no logar saudoso a que a tradiçãõ popular ligou um dos mais bellos episodios da grande epopeia, que os estudantes e o povo de Coimbra iam festejar a memoria do épico immortal.

Devia ser encantador o aspecto d'estes campos, que Camões tanto amou, unindo ás luxuriantes galas da natureza as pompas brilhantes d'uma festa popular, que era toda em homenagem a esse vidente sublime, que ainda

nos mais apagados annos da nossa decadencia, foi sempre um protesto eloquente e energico da nossa vitalidade e do nosso valor.

* * *

Mas a commissão não contava com uma cousa : era que o dono do local a que a lenda ligou essas poeticas tradiçõs, podia não comprehender a significação d'ellas, nem avaliar o alcance d'estas commemorações. Pois foi o que se deu.

O sr. Miguel Osorio de Cabral e Castro — senhor da quinta das Lagrimas — negou a auctorisação, que se lhe pediu, para a collocação da lapide na Fonte dos Amores e para a realisação de romagem ali.

A academia protestou energicamente contra tão insolito proceder. Nós não nos daremos a esse trabalho : narramol-o simplesmente. O leitor que crive o inclyto fidalgo com todos os seus epigrammas e com todas as suas censuras.

Que o sr. Miguel Osorio seja transformado n'um enorme paliteiro, em que todos vão espetar o palito do seu commentario acre ou da sua ironia mordáz.

Que a lenda da Fonte dos Amores, — que é historicamente falsa — acabe, e que se institua a lenda heroe-comica do seu burlesco proprietario.

E, riamo-nos todos d'elle, que é o melhor.
 Ora o sr. Miguel Osorio! . . . ah! ah! ah!
 Ora o sr. Fidalgo das Lagrimas! ih! ih! ih!
 Ora o grande par do reino! oh! oh! oh!

O grande orador Antonio Candido proferiu outro discurso.

Com este facto, augmentaram os elogios de que a imprensa progressista rodeia o nome do primeiro orador do seculo — e do Alecrim.

O que se tem notado é que, ao passo que crescem os seus triumphos parlamentares, — o grande orador diminue a sua corôa sacerdotal.

E' logico.

Temos um grande prazer em registrar n'estas paginas que a litteratura nacional não dormiu de todo este mez.

Podemos entremear as profundas locubrações do *Atravez da Imprensa* do sr. Pimentel com a leitura d'um elegante e delicioso volume — os *Contos de aldeia* de Alberto Braga.

E, francamente, quando nos achámos presos no mais intimo do pensamento do auctor, quando o nosso espirito se absorvia todo na suavissima escala de emoções que aquella leitura nos proporcionou, nós, — sem rhetorica! — julgámo-nos no gozo incomparavel d'um oásis — um fresco e amiguo oásis, cheio do esmalte das côres, das vibrações dos sons, da grande doçura do azul luminoso, da vida, emfim, no meio d'este deserto árido, indefinido e esteril, do noticiario e do artigo politico.

Respiramos — e lêmos!...



Alberto Braga trouxe á nossa litteratura de dramas de cinco actos, e romances de cinco tomos, um genero quasi desconhecido entre nós — o conto.

Se exceptuarmos a notavel individualidade de Pedro Ivo — um director d'um banco, quem o dirá!? — este genero litterario não tinha entre nós cultivadores.

E comtudo não é que elle seja indigno de apreço, ou não tenha largas faculdades para a expansão d'um talento. Antes pelo contrario, o conto moderno pôde bem deixar de ser um simples relevo de forma, um trabalho meramente parnasiano, para se tornar n'uma fina miniatura de typos, ou n'um ligeiro, mas profundo, *croquis* de observador.

Ordinariamente nos museus estrangeiros encontram-se entre as telas collossaes, onde nos apparece o cunho da pincelada vigorosa de Rubens, de Ribera ou van Dyck, uns outros pequenos quadros, obscuros como pygmeos entre a magestade gigantesca dos primeiros, e que a multidão dos profanos deixa habitualmente sem exame. Pois, ás vezes, esse palmo quadrado de tela não tem menos merecimento de que os seus companheiros de parede, que medem uma área sufficientemente vasta para sobre elles se servir um jantar de vinte pessoas.

A par, por exemplo, do *Christo na cruz* de van Dyck, no museu d'Anvers, decobre-se n'uns pequenos caixilhos duas composições de Teniers. De ordinario o *barbaro* não repara n'ellas. Mas se algum entendedor ou mero curioso se lembra de as examinar, que bom humor, que observação fina n'aquellas scenas

de taberna ou de campo, em que ha homêns que se embriagam, mulheres que se deixam beijar, pares que dançam, velhos que fumam e jogam, e sempre um sujeito que, por decoro do acto que pratica tem as cestas voltadas para o publico ?!

Presente-se ali a grande inspiração popular: vê-se na despreocupaçào do prazer um cantinho da vida d'essa colosso, d'esse athleta social, que se chama o povo; e n'aquella alegria imperturbada e franca, na sádia carnacção das mulheres, no sólido arcabouço dos homêns, no mar de cerveja que se bebe, na atmosphaera de fumo que se inspira, que sublime retracto d'uma nacionalidade, tomada n'um dos aspectos menos rhetoricos e mais naturaes da sua vida!

O conto está para a litteratura, como o pequeno quadro de typos e costumes para a pintura.

Não tem these social, nem largo entrecho como o romance; põe de parte o grande rigor syllogístico da filiação das scenas, não abraça n'um extraordinario amplexo de concepção Shakspeareana os typos mais abstractos, as paixões na sua pura essencia psychologica; mas toma os lados secundarios, os mais obscuros, os mais desconhecidos, os menos habi-

tuões, e completa assim, pelo desenho ou pela nota, e caracterisação fiel de toda uma epocha.

Pela fórma, a singelesa do dizer, o cunho proprio da linguagem moldando-se ao assumpto, a narração ligeira, as scenas pouco dramatisadas, mas espontaneamente referidas — *contadas*, — tornam a leitura facil, e dão-nos em cheio a emoção quando nos passa pela vista a ultima palavra, e aquelle desportencioso quadro se nos estampa na memoria, como um facto a que assistimos ou uma reflexão que fizemos.

Assim a importancia litteraria do conto é indiscutivel; e elle, deixando de ser um pretexto para filigranar phrases e fantasiar arabescos de estylo, esteando-se n'uma ideia, architectando-se sobre um pensamento, tomará as proporções elevadas d'uma obra d'arte social, e sairá, por fim, do campo acanhado e do ponto de vista curto da litteratura amena.

E' n'este sentido que a grande evolução litteraria do nosso tempo dirige o character do poema, do romance e do conto, portanto.

E é a comprehensão d'esta verdade que faz com que, no livro de Alberto Braga, a critica ponha na primeira plana os tres contos magistraes — *O Retrato dos Paes*, *O Sermão* e *O Sonho da Noviça*.

Com effeito, raras vezes temos visto attingir entre os nossos litteratos uma tal perfeição, um tão bem acabado de *todo*, como n'estas tres perolas dos *Contos d'Aldeia*.

Sobretudo o *Retrato dos Paes* é um d'aquelles primores, uma d'aquellas felicidades na vida do artista, que lhe marcam indelivelmente a sua passagem por uma litteratura. É das taes obras que os homens de letras caracterisam por esta phrase — *uma obra que fica*.

Ha ali períodos que a gente, ao lê-os, vê, sem saber a causa, as letras a apagarem-se. Leva-se a mão aos olhos e sente-se uma lagrima ! Não é a lagrima das pieguices romanticas ; não é a classica lagrima despertada pelas lamentações d'um idiota sem vontade, nem senso commum, que nos vem massar porque Eliza o não comprehende; nem tão pouco as que essa mesma Eliza possa arrancar aos corações sensiveis, quando, por sua vez, nos declara, depois d'uma gollada de sangue, que Alfredo a olvidou... Oh! não. Aquella lagrima é o commovido preito de sympathia, pela dôr de dois bons velhos a quem a basofia e o orgulho palerma d'um filho levou ao extremo enxovalho da dignidade e do respeito — ao ridiculo. E' um protesto

contra o egoismo d'um ingrato ; é um consolo a esses dois pobres paes, que regressam infelizes ao seu casal, «com o coração retalhado pela mais cruel das decepções»!...

Sobre esta piedosa e sentidissima ideia levantou Alberto Braga, com os mais delicados artificios da sua pena distincta, um primoroso lavor de estylo.

A primeira descripção especialmente — a passagem da mala-posta pela Izabellinha — é uma *illuminura* de merito identico ao das mais verdadeiras composições a *crayon* sobre motivos campestres de J.-F. Millet. Aquillo é perfeito ; não é minucioso, mas é completo, Tem só as linhas indispensaveis, os traços salientes, a côr que destaca : o resto recompõe-no a memoria de cada um. E' o *impressionismo* puro, a sensação generica que elle apprehendeu, que nós ambos apprehendemos, e que todos os leitores apprehenderam em scenas diversas, em locaes differentes, mas com o seu profundo *character essencial*, que Taine recommenda — e que é aquillo mesmo.

Mas, depois d'esta aptidão para o desinho d'um successo, encontramos em Alberto Braga a aptidão para o desenho de typos.

Os dois lavradores vestidos no rigor da elegancia camponeza, com o *chic* laponio,

são dois preciosos *croquis* completos, acabados, nitidos, vigorosos, traçados com mão tão amestrada como as que compozeram os surprehendedentes estudos a lapis, onde se vê a assignatura de Jacques Callot — ha duzentos annos — ou a de Gavarni — nos nossos dias.

Como esta não é raro encontrar, nos *Contos d'Aldeia*, outras passagens.

Pela naturalidade, fluencia e elegancia de um estylo proprio, pela delicada observação humoristica, como no *Sermão*, pelo sentimento, pelo espirito, e pelo processo todo moderno, Alberto Braga passou a ser na litteratura portugueza contemporanea uma original individualidade, que soube transplantar Daudet para a nossa arte, sem comtudo, de fórma nenhuma, o plagiar — nem imitar; e os seus contos serão os rivaes d'essas delicias que se chamam *Les vieux*, *Le Bac*, *La Dernière Classe*, *Alsace! Alsace!*, *Le Forge-ron*, *Wood's town*, *Les Etoiles*, etc.

* *

Os *Zumbidos*, jubilosos por logo no seu segundo numero poderem fazer uma critica de louvor, o que prova que n'este paiz, onde tudo apodrece, ainda ha a reacção da intelli-

gencia, saúdam entusiasticamente Alberto Braga, e os seus redactores enviam-lhe um abraço de sincera congratulação—abraço de estima pessoal e fraternidade das letras.

Vimos no nosso primeiro numero como o sr. Barros e Sá defendia as medidas de fazenda com pudicas referencias ás levandades do seu genro em Constantinopla, na convivencia hallucinante das calidas *houris*. Agora vamos observar como o ruboroso sr. deputado Tavares Crespo discute a lei do sello — em verso.

Ouçamol-o. Elle recitou primeiro, com sentimental cadencia, a estrophe do *D. Jayme*:

*A hera filha do muro
 Foi-se alargando e cresceu;
 Em cada cantinho escuro
 Cada raiz se prendeu.
 Entre cada fenda estreita
 Nova vergontea se ageita.
 Do musgo em toda a largura
 Contorce a activa espessura
 Gira, enrosca-se e venceu.*

E depois interrogou a camara, com semblante ingenuo :

«Será como a hera, filha do muro, o sello, filho do fisco?»

E, como a camara não resolveu de subito este problema originalissimo e inesperado de comparar os filhos dos muros com os do fisco, o joven mas attilado representante da nação parece que se decidiu pela egualdade das duas progenituras — a fiscal e a dos muros, — e proseguiu :

*O sello, filho do fisco,
Foi-se engrossando, e cresceu;
Em cada papel arisco
Cada verba se metteu.
Em cada escriptura feita
Nova estampilha se ageita.
Do fisco em toda a grandeza
Tributa o povo e a nobreza
E o deficit . . . não morreu! ¹*

* * *

Não se póde realmente depois d'isto duvi-

¹ Vide *Diario da Camara dos Deputados*, sessão de 19 de março de 1880.

dar que o povo ficasse convencido da excellencia da lei do sello. Além de que, este methodo de discutir amenisa excessivamente as discussões parlamentares, e faz-nos conceber, a nós que embirramos com a semsaboria das grandes legiões de cifras dos orçamentos, a lisonjeira esperança de ainda podermos um dia deleitar-nos com a leitura d'elles, quando forem escriptos em verso, repartidos em cantos, e constituindo poemas.

Além d'isso promette-nos, se fôr adoptado, este systema de lucta parlamentar, sessões divertidissimas.

Quando o sr. Marianno de Carvalho, por exemplo, quizer dar uma replica ao sr. Julio de Vilhena, esperamos vel-o começar assim :

*Está dito então, está dito então
Demos ao melro uma lição. . .
etc, etc.*

E quando o sr. Candido de Moraes se susceptibilisar com alguma referencia mais cruel do sr. Arrobas, este dar-lhe explicações, cantando a *salerosa seguidilla* :

No se pique usted . . .

E algum deputado regenerador quando o

sr. Pereira Dias, seu antigo correlegionario, preromper nos seus brados de enthusiasmo *granjola*, interrompel-o assim com esta quadra popular e allegorica, no tom do *choradinho* :

*Ó fado, que foste fado
Ó fado, que já não és,
Ó fado quem te virou
Da cabeça para os pés ?*

Quando o sr. Laranjo estiver discursando com o seu habitual phraseado d'uma rusticidade notoria, algum interruptor irritado exclamará : —

Ora, amigo Laranjo, deixe-se de discursos, e vá cantar no *landum gallego*, ao som da gaita de folles :

*Estando o moleiro sentado ao borrarho
Veio o diabo e fel-o um espantalho. . .*

E, finalmente, o sr. Fernandes Vaz fechará a sessão, pondo o chapéu na cabeça e gritando aos deputados :

*Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos quantos estão! . . .*



Que camara ! que Crespo ! que troça !

Não queremos fechar este livrinho sem agradecermos a benevola acolhida com que foi recebido o primeiro numero dos *Zumbidos*.

Encontrámos no publico uma animadora benignidade, e da parte da imprensa um recebimento cordial. Sinceramente gratos nos confessamos para com todos.

Alguns jornaes transcreveram artigos nossos, e entre elles a *Democracia*, que publicou em folhetim o que os *Zumbidos* inseriram acêrca do orador Antonio Candido.

Esta transcripção da *Democracia* deu-nos occasião de recebermos uma carta curiosissima e que sentimos não ter espaço para na integra reproduzir. Subscreve-a o sr. Francisco Soares Moita -- que se declara n'ella sapateiro.

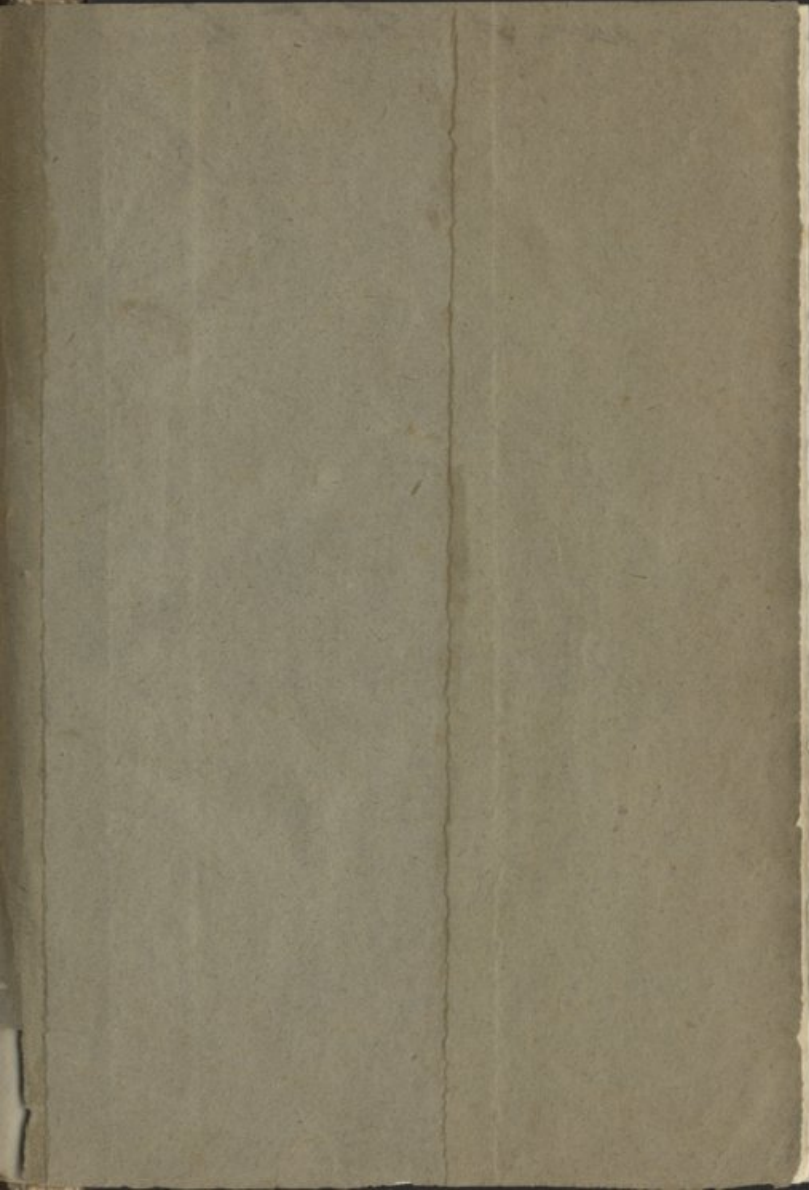
Revela, porém, a carta uma comprehensão

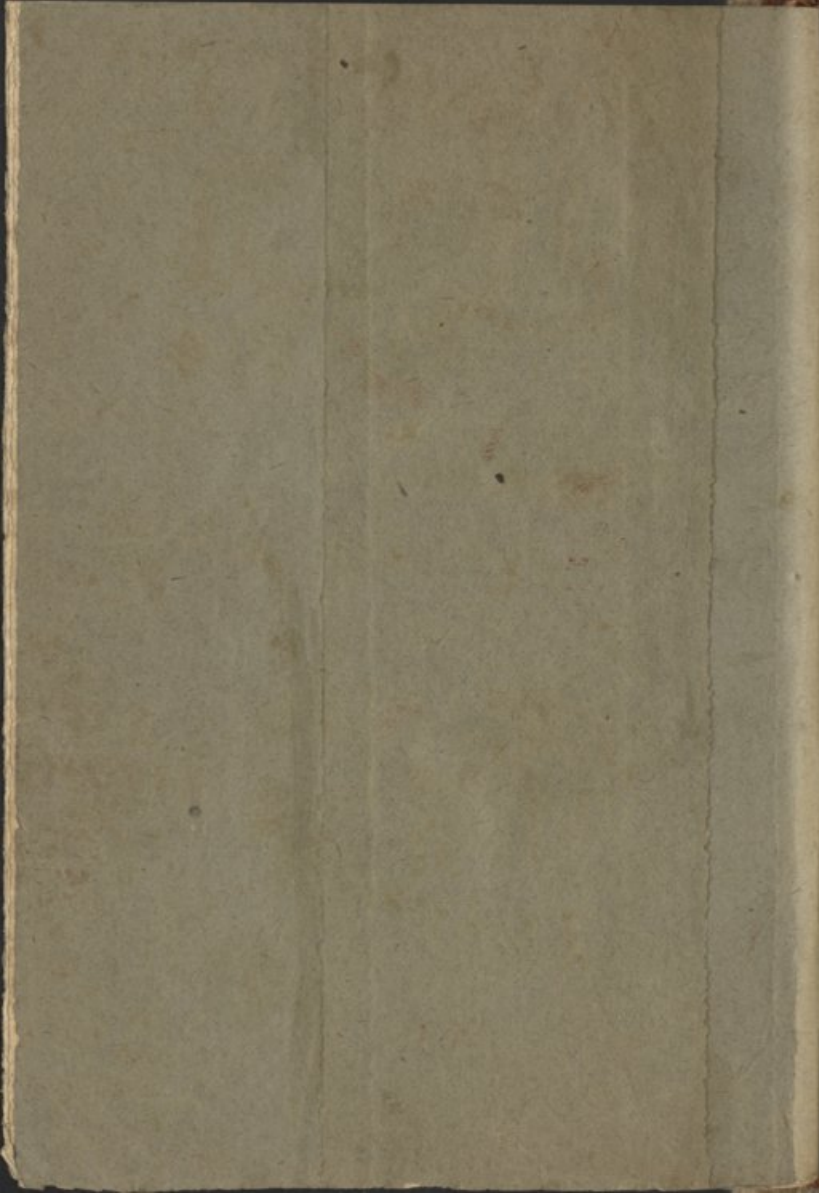
scientificamente tão nitida e tão segura do nosso actual momento historico, e vem tão isenta de exaltados jacobinismos peculiares a todos os operarios ainda os mais illustrados, que hesitamos em accreditar que o sr. Moita seja com effeito um sapateiro perfeitamente authentico.

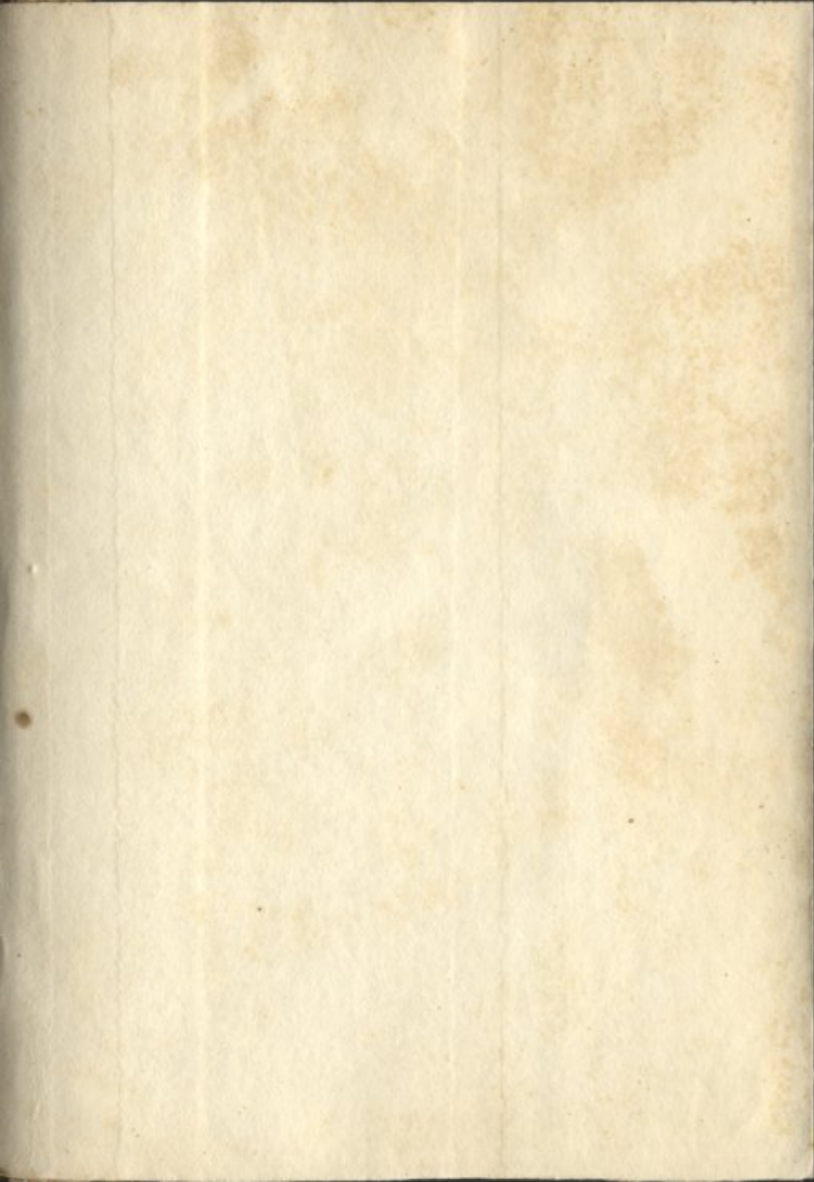
Entretanto o que com certeza podemos affiançar-te, leitor sensato, para te tranquillizar é que elle não é, nem por sombras, o sapateiro Simão.

Em todo o caso, um operario tão razoavel e tão instruido é o legitimo e natural candidato á presidencia da republica portugueza. Que o sr. Latino Coelho e Theophilo Braga — dois sabios — se resignem e cedam o logar ao sr. Soares Moita — um sapateiro cordato.

Pedia-nos os *Zumbidos* o sr. Moita. Já lh'os enviámos. Folgamos muito em ter leitores intelligentes — ricos ou não.



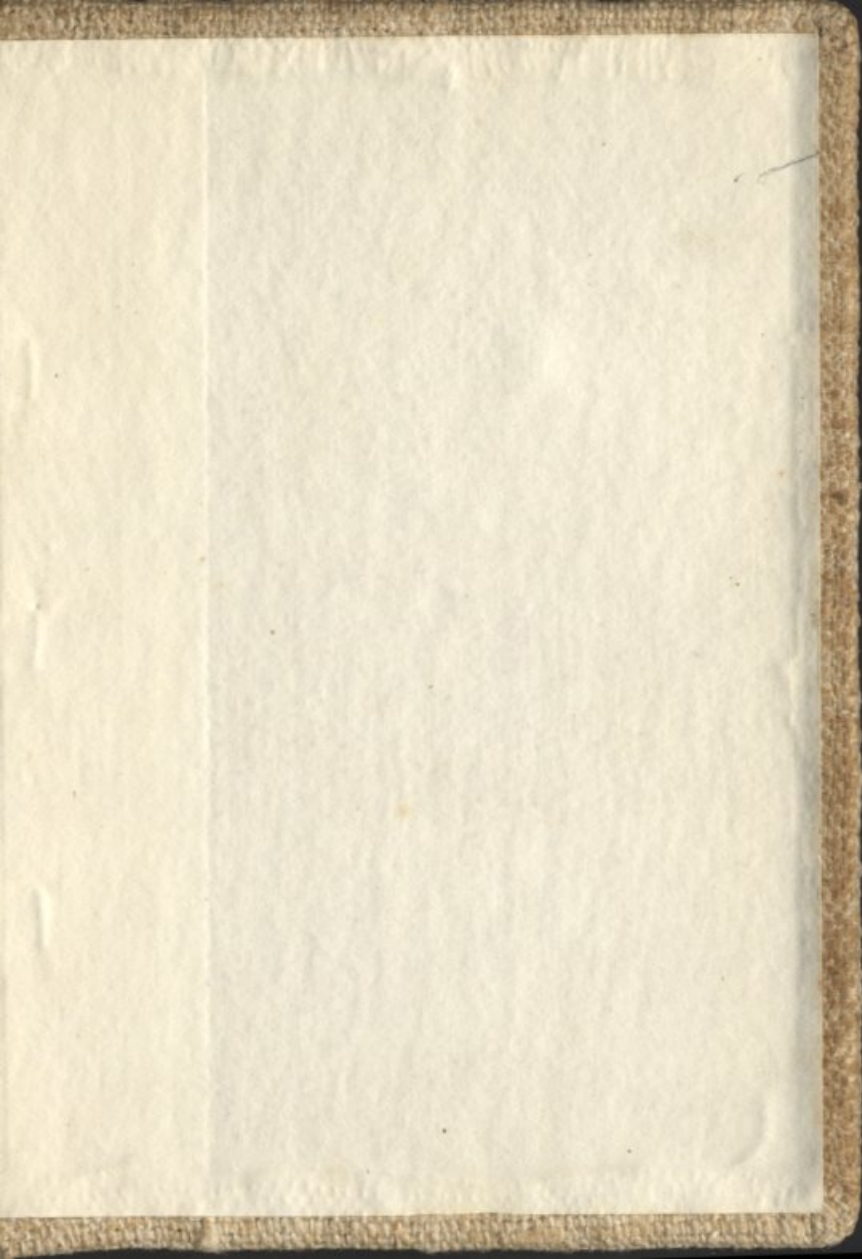




BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE

2 FEV 1973

COIMBRA





BRONX BRANCH

1908

ST. JOHN'S

COLLEGE

1881